

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DRUMMOND, Aristóteles Luiz Meneses Vasconcelos. Aristóteles Drummond (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 32min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Aristóteles Drummond  
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2022

## *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Fernando Lattman Weltman; Regina da Luz Moreira;

**Levantamento de dados:** Marcus Vinicius Silva Sombra;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Marcus Vinicius Silva Sombra;

**Técnico de gravação:** Fernando de Mello Cardenas;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 02/10/2008 a 02/10/2008

**Duração:** 2h 32min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Trajetória Histórica da Associação Comercial do Rio de Janeiro", na vigência do convênio entre o CPDOC/FGV e Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) entre abril de 2008 e fevereiro de 2009. O projeto visa à criação de um banco de entrevistas com pessoas de grande expressão na história da entidade, ao longo de seus 200 anos. Essas 20 horas, e outras fontes, resultarão na publicação de um livro.

**Temas:** Associações comerciais; Comércio; Direita; Economia; Empresas comerciais; Família; Formação profissional; Fusão Rio de Janeiro - Guanabara (1975); Getúlio Vargas; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Marcha da Família Com Deus Pela Liberdade (1964); O Globo; Redemocratização; Regime militar; Rio de Janeiro (cidade); Rio de Janeiro (estado);

## *Sumário*

Entrevista: 02/10/2008 As origens familiares, a história do pai do entrevistado; a fundação do Grupo de Ação Patriótica (GAP) com amigos da elite carioca; a publicação no O Globo do 'Manifesto às entidades democráticas'; como o entrevistado começou a frequentar a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) e a sua eleição como diretor; a chapa de 1969 da ACRJ; as questões e frustrações do entrevistado com a sua participação na ACRJ; o convencimento do entrevistado de que havia uma ameaça comunista real em 1964; como o entrevistado levou ônibus com pessoas para a Marcha da Família com Deus pela Liberdade com apoio financeiro de Paulo Suplicy; a eleição de Rui Gomes de Almeida; o falecimento de Gilberto Marinho; a questão do general Golbery do Couto e Silva com Juscelino Kubitschek; a relação com Hércules Correia; os trabalhos como jornalista, assessor do governador Negrão de Lima, diretor do Departamento de Engenharia Urbanística e diretor da Cohab; o estilo dos presidentes da ACRJ depois de Rui Gomes; a questão da corrupção no Brasil e a recepção dos jornais; a opinião do entrevistado sobre o papel da ACRJ; a mudança do perfil dos integrantes da ACRJ nas últimas décadas; a questão do benemérito; como se dava a atuação política da ACRJ; opiniões do entrevistado sobre a direita brasileira; os artigos de Afonso Arinos; opiniões do entrevistado sobre Getúlio Vargas, a Segunda Guerra Mundial, o regime militar e a interação entre jornais e política na época da entrevista; críticas do entrevistado sobre os problemas de organização para mobilização da Associação Comercial; opiniões sobre a legislação trabalhista; os associados da Associação Comercial; a questão dos duzentos anos da Associação Comercial; opiniões sobre diversas Associações brasileiras; opiniões sobre políticas do Governo Lula; apontamentos sobre a história de alguns dos governadores do Rio de Janeiro; a situação econômica do estado do Rio de Janeiro

*Entrevista: 02/10/2008.*

**A. D.** – Então, como é que a gente começa? Vocês vão perguntando, eu vou falando, apresento logo meu dossiê?

**F. W.** – Não, não, não. Vamos começar pelo começo. Dr. Aristóteles, muito obrigado pela sua presença.

**A. D.** – Mas vamos tirando esse doutor, porque eu já vou falar em coisas tão antigas... Negócio de doutor e tal, vocês vão me deixar me sentindo mais velho.

**F. W.** – Tudo bem. Senhor.

**A. D.** – Não. Nem isso.

**F. W.** – Você. Mais uma vez, muito obrigado. Aristóteles então. Por favor, vamos começar pelo começo. Eu queria que você falasse um pouco da sua origem familiar, da sua família.

**A. D.** – Bom. Eu sou o chamado oriundo da clássica classe média, da burguesia brasileira. Nasci em Ipanema, na rua Prudente de Moraes, meu pai era funcionário público, (Ministério da Fazenda, depois veio para o estado da Guanabara) filho de um oficial do Exército, (foi marechal do Exército) Augusto Menezes de Vasconcelos Drummond. Meu pai era um homem de uma vida desportiva intensa, porque militava no Flamengo, onde jogou waterpolo, onde remou e onde participou do... no fim da vida, era um programa que ele tinha, as reuniões de conselho. E meu pai casou-se muito tarde porque... Minha avó ficou viúva... A lenda familiar diz que ele casou tarde porque ele quis acompanhar a mãe até a mãe morrer. E a mãe morre em 34, aí ele vai morar no hotel Nosso Hotel, que existe até hoje, na rua Senador Vergueiro, em cima da Churrascaria Majórica, onde ele tinha como companheiros, que moravam lá, rubro-negros; um jovem que tinha começado... acabado de se formar ou estava estagiando, então conseguiu dinheiro para morar num hotel, porque dormia nos barcos do Flamengo. [risos] Era o dr. Arnaldo de Moraes. Que veio a ser um homem muito rico, dono do Hospital Maternidade Arnaldo de Moraes, hoje é São Lucas, em Copacabana.

**F. W.** – Onde eu nasci, aliás.

**A. D.** – E com os irmãos Garoupa (que eu não sei o primeiro nome) e o irmão, Togo Renan Soares. O Garoupa era o pai do Jô Soares. Moravam ali naquele... Dali que meu pai saiu para casar. E minha mãe, da família mineira Monteiro de Barros Lima. Meu avô era o historiador, escritor Augusto de Lima Júnior, meu bisavô, o Augusto de Lima, da Academia de Letras, foi governador de Minas e deputado vinte e quatro anos. E este meu avô foi o meu... Uma influência familiar da minha vida veio do meu avô. Quer dizer, o meu avô era escritor, meu avô era jornalista, meu avô era polêmico como eu, [ri] meu avô era mais à direita, como eu, então as minhas devoções... Ele foi embaixador especial do Brasil em Portugal, em 1940, nas comemorações do duplo centenário, ficou muito amigo do Salazar e do cardeal Cerejeira, então eu herdei essa amizade. Então, vou a Portugal com muita frequência, ainda a semana passada, e sempre me refiro à beleza da ponte Salazar; quando sou corrigido, que ela é Vinte e Cinco de Abril, eu fico num diálogo enlouquecedor com o motorista – “Ah, mas que beleza! E a Salazar, onde é que é mesmo?” [risos] “Não, não é a Salazar, não.” Não, não é a Salazar. Essa é a que o Vinte e Cinco de Abril fez, não é? E o que mais que o Vinte e Cinco de Abril fez?” – “Não, não fez nada, mas fez...” “Ah, só deu o nome? Ah! Ficou um nome interessante” e tal. [risos] Então... essa grande influência do meu avô. E aí eu fiz a minha vida. E aos dezessete, dezoito anos, o Brasil vivia aquele momento, muita fermentação política, e eu com um grupo de amigos, com a orientação digamos assim de um Álvaro Valle<sup>1</sup>, que era diplomata e tinha um curso... Ele arrendava umas salas do Colégio Brasil América, na rua das Palmeiras, e ali ele dava, à noite, o curso para o Rio Branco. Neste grupo, tinham vários amigos meus que estudavam lá, e o Álvaro, democrata cristão, aquela coisa toda, bolou um movimento; aí os meus amigos disseram não, nós temos um que adora subir num caixotinho para fazer um discurso, então me levaram ao Álvaro Valle; e aí surgiu a idéia e nós fundamos o nosso movimento chamado GAP – Grupo de Ação Patriótica. Que está aí no livro do CPDOC. Até haviam me prometido uma versão um pouco mais próxima da verdade e não muito radical, como aparece; embora eu nunca liguei para estas coisas, porque acho... no fundo, no fundo, o time é esse; não sou daquele time, lá naquela ponta, mas sou do time. Então, acho horroroso o sujeito, como me habituei a ver durante os vinte anos de governo militar, as pessoas dizerem: não, eu sou da esquerda democrática – se justificando. Não há justificativa, você é de um lado ou você é do outro. A gente não pode... Então, com esse movimento chamado GAP – Grupo

---

<sup>1</sup> Álvaro Valle – Foi um político brasileiro. Fundador e primeiro presidente do PL.

de Ação Patriótica, que foi formado por um grupo de jovens da chamada elite, era o Raimundo de Brito Filho, cujo pai era deputado estadual e veio a ser ministro da Saúde, era o Henrique *Kertie*, cujo avô era um austríaco, que veio para cá e fundou as Lojas Americanas, o meu primo Dionísio Taunay, que morreu muito cedo também e que perdeu o pai... Você lembra, o Dionísio? Um sujeito bonito. E o pai era um brigadeiro da Força Aérea. Foi assumir o comando na Bahia, foi com a mãe e a irmã, e ele ficou porque nós tínhamos uma festa aqui para ir. Na segunda-feira, o avião cai, morre o pai, a mãe e a irmã. E o Dionísio... Um rapaz que chegou a deputado estadual aqui, o Rubens Tavares, é irmão da Cristina, casada com Júlio Lopes. Enfim, era um grupo de pessoas do Rio de Janeiro. O Mário Navarro da Costa, filho do embaixador Navarro da Costa. Esse, rapaz inteligente, preparadíssimo, um sociólogo, advogado, mas fez carreira de direito, é hoje um dos dirigentes da TFP<sup>2</sup>. [ri] Mora em Madri, onde tem uma corte e tal. Nunca mais o vi mas... um rapaz muito inteligente. Muito. Era noivo da Cecília Figueiredo. Não sei se você conheceu. Que era uma neta do visconde de Figueiredo, que morava aqui na rua Dona Mariana, numa bela casa, e tinha uma bela casa na avenida Keller, lá na ponta. Mas não chegou a se casar com ela. E este movimento, sendo eu afillhado de batismo do Rogério Marinho, meu pai, amigo do Roberto Marinho<sup>3</sup>, o movimento ganhou (como em outra oportunidade eu mostrarei a vocês) uma dimensão... Era uma meia dúzia de pessoas. Eu morava num apartamento na Prudente de Moraes, cuja... Estava escrito no papel timbrado: sede provisória. [risos] Minha mãe dizia: “Vão jogar uma bomba aqui.” E o... Apenas, por exemplo, em junho de 63, (e eu botei num desses fotolivros que eu fiz) eu fiz um manifesto...

F. W. – Junho de 63. O senhor tinha dezenove anos.

A. D. – É. Dezenove anos. Telefonei para dona Amélia Molina Bastos, presidente da CAMDE<sup>4</sup> – Campanha da Mulher pela Democracia, liguei para um outro cara do movimento estudantil não sei o quê, do DCE<sup>5</sup> não sei das quantas... “Vocês assinam?” Assinam. E aí mandei. Aí o Roberto me telefona. Ele me chamava Aristóteles Luís. A única pessoa que me

---

<sup>2</sup> TFP – Tradição, Família e Propriedade é uma organização católica tradicionalista, conservadora e anticomunista brasileira.

<sup>3</sup> Roberto Marinho – Foi um jornalista e empresário brasileiro.

<sup>4</sup> CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia.

<sup>5</sup> DCE – Diretório Central dos Estudantes.

chamava de Aristóteles Luís. Talvez porque meu pai era Aristóteles, e ele, talvez para diferenciar... “Aristóteles Luís, você pode se encontrar comigo às três e meia, n’ *O Globo*?” Claro. Aí peguei um loteação, saltei onde era o *Última Hora*, ali em frente a rua de Santana, e fui para o *Globo*. Aí também, é uma coisa boa para os jovens verem o que era o Rio de Janeiro. O Roberto Marinho, poderoso, dono d’*O Globo*, não tinha ainda a tevê, mas a Rádio Globo era importantíssima já...

F. W. – *O Globo* já era *O Globo*.

A. D. – E o *O Globo* era *O Globo*, eu fiquei ali na porta, tinha uma entradinha de carro, logo depois tinha um terreno baldio, onde era o estacionamento, e aí chega, numa ofetazinha roxinha, o Roberto – sozinho - dirigindo. Não tinha motorista, era domingo. Ele saltou do carro e tal, e fomos. Chegamos na redação, veio o Emídio de Barros. E o Roberto sentou, botando a perna assim na quina de uma... Disse: “Olha, isso aqui está fantástico. Quem escreveu isso?” Eu disse: “Fui eu.” “Eu não posso assumir nenhuma responsabilidade nisso porque acho que está muito forte. Mas eu vou dar uma chamada na primeira página e publico na terceira, sem nenhum comentário. Manifesto à Nação. Mas você não quer tirar os nomes? E fica só as entidades.” Falei: “Não, poxa, eu que fiz.” “Você sabe, se fosse outro já tinha publicado. Você não quer botar seu nome no meio?” “Ah não, Roberto, fui eu que tive a idéia, eu que fiz.” [ri] Bom. Então eu quero só isso. Que acho que pode ter consequência. Você é muito moço”... Está bom. No dia seguinte, *O Globo* deu na primeira página: *Revolução comunista não virá: já veio*. Ver terceira página: *Manifesto às entidades democráticas*. Então isto, eu saía todos os dias e percorria os jornais, os lugares e tal e a Associação Comercial. Por quê? Porque o presidente da Associação Comercial, o Antonio Carlos Osório<sup>6</sup>... Eu sempre fiquei amigo, desde menino, por gostar de política e de ler muito e de história e de saber das coisas, quer dizer... As pessoas acham graça, porque eu conheço os nomes das pessoas, da família, onde morava. E sempre fui um ativista disso. Então eu sempre tive a amizade e a conversa dos pais. Então, a primeira vez que a Márcia e a Noêmia entraram numa boate, foi no Sachas, e porque era comigo, foi no dia dos quinze anos da Maria Helena Miranda, filha daquela Leonel Miranda<sup>7</sup> que veio a ser

---

<sup>6</sup> Antonio Carlos Osório – Foi presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1965-1969.

<sup>7</sup> Leonel Tavares Miranda de Albuquerque – Médico e político brasileiro. Foi ministro da Saúde do Brasil (1967-1969).

ministro do Costa e Silva<sup>8</sup>. E o Antonio Carlos disse assim: “Vocês vão porque vão com Aristóteles.” Então... “Onde é que é?” “No Sachas.” É no Sachas. E aí, no caminho, queria se ir para... Eu e o Tônico Castelo Novo. Aí queriam ir para o Jirau, que era uma outra boate. E eu peguei e disse assim: “Olha, agora não dá. A gente disse que vinha para o Sachas, tem que ser para o Sachas.” E dito e feito. Quarenta minutos depois, o Antonio Carlos foi lá para checar, e tem o grande gesto: deixou pago. [risos] Bom. E aí, nada mais natural, sendo ele presidente da Associação Comercial, ou o vice do Rui<sup>9</sup>, eu estava lá sempre, e lá que eles davam idéias, falavam as coisas...

F. W. – Foi assim que o senhor começou a freqüentar.

A. D. – Hein? Aí eu comecei a freqüentar a Associação. Veio logo a revolução<sup>10</sup>, eu fui trabalhar no Banco Nacional, com o José Luís Magalhães Lins; e em 68, eu estava no banco e no governo do Negrão<sup>11</sup>, ainda não na Cohab, o Antonio Carlos me convoca para diretor, em dezembro de 68. E, em maio de 69 foi a primeira eleição, eu fui eleito. E até uma coisa curiosa: eu fui eleito e eu que elegi o Rui; porque, antigamente, a eleição de um presidente... Hoje, é como eu gosto que seja, somos só nós, os biônicos, os beneméritos, [ri], então é fácil reunir e resolver. Naquela época tinha que ser em assembléia geral. Então, como era uma dificuldade, e a Associação tinha muitos associados, ficava faltando o quórum legal. Então eu tive que votar por todas as entidades do Banco Nacional e três recém criadas mas que não eram sócias ainda; [ri] entraram no dia seguinte, com a data anterior, para poder legitimar a eleição. E aí é que eu trouxe aqui para vocês, é mostrar que a Associação tinha importância. Porque eu, evidentemente que com vinte e três anos então, importância zero. Então você veja, a minha

---

<sup>8</sup> Costa e Silva – Foi um militar e político brasileiro, o segundo presidente do regime militar instaurado pelo golpe militar de 64.

<sup>9</sup> Rui Barreto – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1978-1985.

<sup>10</sup> Revolução de 64 - Movimento político-militar deflagrado em 31 de março de 1964 com o objetivo de depor o governo do presidente João Goulart. Sua vitória acarretou profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. Todos os cinco presidentes militares que se sucederam desde então declararam-se herdeiros e continuadores da Revolução de 1964.

<sup>11</sup> Francisco Negrão de Lima – Político brasileiro. Governador do Estado da Guanabara entre 1965-1970.



convocação – está aqui – no dia 23 de dezembro de 68, no Informativo. Não sei se vocês vão querer guardar isso, mas vocês vão ver, a coluna mais importante do Rio, na ocasião, era o *Informe JB*. Então está aqui, o *Informe JB* dá uma nota do sociólogo Gilberto Freyre e tal... *Sangue novo na Associação Comercial do Rio. Aristóteles Drummond acaba de ser convidado para diretor da entidade. É o mais novo diretor da Associação em toda a sua história pois conta apenas vinte e quatro anos de idade.* Aí vem aqui, um colunista que fazia muito sucesso na época, louco de pedra, completamente louco mas muito inteligente, chamado Olímpio Campos. E era um picareta, coitado. [risos] Mas um picareta com uma ética, que eu achei extraordinário. O Roberto Osório me contou a seguinte história. Ele apareceu lá para comprar um Volkswagen, na Auto Modelo, comprou à prestação, e nunca pagou a prestação; mas vivia... telefonava, pedia, dava notícia – Auto Modelo é a melhor do mundo e tal... Os caras... não vou brigar com ele por causa disso. Passaram-se uns anos, o Olímpio entra na Auto Modelo com o seu fusca. E aí o Roberto e Manoel Fontes, com quem ele trabalhava, (padrasto da nossa amiga... Cardim. Pai da Maria Pia) e aí ele diz assim: o que é que a gente vai dizer, para não dar para esse cara? [ri] “Olha, vim trazer o carro aqui, assinei a... vou assinar para vocês. Eu vou comprar em outro lugar. Porque vocês foram tão bacanas comigo... Eu peguei o carro, dei o cano, não paguei, vocês nunca me cobraram, nunca me aborreceram. Estou devolvendo ele agora.” [rindo] Já depois de três anos. Então eu achei o máximo. O sujeito, dentro da picaretagem, tinha uma ética. [risos] Então... Aqui. Olha só que coisa engraçada. *Quem está totalmente recuperado e tal, na plenitude, é o Paulo Gaya.* E o Paulo Gaya depois ficou doente (agora, pouco antes de morrer) de novo. Isso, em 68. Você vê, tem quarenta anos. *Queremos enviar daqui um abraço para o Antonio Carlos do Amaral ( pela escolha de ) Aristóteles Drummond para diretor da Associação, sendo o mais novo dirigente em todos os sentidos, principalmente, na idade de vinte e quatro anos...* E tal. Aí vem, *Posto de Escuta, da Manchete. O jornalista Aristóteles Drummond...*

F. W. – Desculpa. Em que jornal saiu?

A. D. – *Tribuna da Imprensa.*

F. W. – Porque não está dito aqui.

A. D. – Ah não? *Tribuna da Imprensa, página dois. Manchete. Jornalista Aristóteles Drummond, da equipe do Banco Nacional de Minas Gerais, foi eleito diretor da Associação. É o Benjamin da diretoria, escolhido dentro do espírito de renovação que o senhor Antonio Carlos*

Osório ali introduziu. Você vê, a Manchete era a grande revista. O Jornal do Commercio dá uma nota com esse destaque. Jornalista convocado para diretor da Associação Comercial. O Globo dá... O senhor Aristóteles Drummond foi empossado no cargo de diretor da entidade frisando que a iniciativa privada é a maior responsável pelo estágio de desenvolvimento do país. O empresário não pode... Você vê como essa... A nossa reunião saía, no dia seguinte, n'O Globo. É como sessão da Câmara dos Deputados. Hoje não se consegue botar o nome da Associação em nada. É um horror! Até uma coluna de um senhor – uma boa alma – que fazia uma coluna social de jovens e tinha oitenta anos. Era o Barão de Siqueira Júnior. Lembra? Fazia uma festa de debutante e tal. [ri] Então... E tinha uma profissão que ele não contava para ninguém. E aí, como eu saía muito na coluna, começaram a me procurar e eu tive que dizer. Ele era juiz auditor da Marinha. E com isso, os meus amigos que eram comunas, que eram presos, [ri] eu ia... acabamos... aquele Barão de Siqueira, é aquele cara que me ajudou... [ri] Aí eu ia falar com o Siqueira para soltar os caras. Dizia que... [ri] Então está aqui. Aqui tem a minha posse. Em que, aqui, fala o seguinte. Veja só. Militante na livre empresa, atuando na rede bancária e na Sociedade Anônima de Participação e Administração (SAPA). Dá uma impressão extraordinária. Não. Eu tinha dois queridos amigos, com quem a Marisa conviveu muito. Um – que é uma pessoa... mais complicado, não diria um rapaz... os anos estão passando, a gente pode conversar... Um QI baixo, mas tinha a percepção de banqueiro, de rico, de que havia um estado pré-revolucionário no país, então ele era meu apoiante e me levava para os lugares, e o irmão. Mas eu fiquei amigo foi do pai. E aí, muitos programas – viagem, não sei o que, eu não podia acompanhar porque eu não tinha era o dinheiro, então ele me punha diretor das... negócio de holding, dessas firmas de papel, para ganhar um salário-mínimo. Então eu tinha oito salários-mínimos lá. Quer dizer, para um garoto, na época, e o salário-mínimo... Hoje seria... Hoje, que tem um patamar semelhante, talvez, quatro mil por mês. Um garoto de dezenove anos, era um dinheirinho. Vinte anos. Então eu era o diretor das firmas do Clito. Que era meu íntimo. Então está aqui. Depois... Aqui tem outra desse Siqueira Júnior... (silêncio) Do Antonio Carlos Osório... Depois... aqui, a revista Classes Produtoras, eu dando um aparte ao Antonio Carlos e tal, ele colocando. E aqui, a chapa... Eu tenho muito mais coisa ao longo do tempo, não é, porque eu dirigi a revista da Associação, quatro anos, se não me engano. Eu sou vice há doze. E tive vinte e oito dias de diretor. E verifiquei aqui que nós somos doze os vivos dessa chapa. Sendo dois aqui já com o pé na cova, não é? O Rogério Marinho já está... está muito mal, não é? Tem vários...

R. L. – Essa chapa é de quando?

**A. D.** – 1969. Presidente: Rui Gomes de Almeida<sup>12</sup>. Tinha um de esquerda, sempre. Engraçado. Ele era um sujeito muito aberto. Que era o Alfredo Marques Viana. Vocês conhecem. Teve uma atuação. Era empresário têxtil. Depois, esteve metido numas confusões... Mas José Luís Magalhães Lins, José Luís Moreira de Souza. E por isso é que... Júlio, Julinho Barbero, que está aí ótimo, com oitenta e muitos anos. João Luís Esnadia, dono da loja Esnadia, Leopoldo Figueiredo, que tinha a firma L. Figueiredo e Navegação, Luciano Souza Leão, do supermercado Pegue e Pague, Luís Belchine, do Banco Boavista... Pelo seguinte... Por que eu estou dando essa...? Porque hoje, eu faço uma gozação lá e a turma fica... Chegou um ministro. Ficamos ali na sala para receber, antes do almoço e tal. E eu, de sacanagem, fico dizendo assim: “Chama rápido a dona Rachel, a dona Rachel. Precisamos da dona Rachel.” Porque a dona Rachel Junk é a única que se o ministro perguntar qual é a sua firma, está aqui a dona Rachel, dona da *Rachel Presentes* e tal. Porque ninguém tem botequim ali, ninguém tem nada. Associação Comercial... e não tem nada. E aí a minha discordância. A não ter nada, tem que ter ação. E a ação é a ação política. Daí eu adorei esse convite de vocês, essa indicação do Olavo, porque o que eu tenho pensado, o que eu tenho buscado, dei uma repassada no livro do Rui Gomes de Almeida, eu dei uma repassada no livro... [Inaudível] A Associação Comercial, isso que eu venho me batendo... Se você me perguntar qual é a sua frustração em quarenta anos de militância, de participação? É a prestação de verdadeiros serviços. Um, aqueles que eu tive a satisfação de ter feito no tempo do Rui e do Antonio Carlos e, depois, do Rui Barreto, a ação política, defender a livre empresa, assumir a posição: nós representamos as classes conservadoras. Quando você tem lá um empresário que possa ser, digamos, até um marxista, ele deve exercer o seu marxismo na associação literária amigos de Lenine, que ele deve fazer parte e comparecer. Quando ele entra naquela casa, ele está ali para defender o instituto da propriedade privada, da livre empresa, da justiça tributária. E a casa não teve mais o estadista que foi o Rui Gomes de Almeida e um militante, que foi o Antonio Carlos Osório, que iam aos ministros... E isso, no mais alto nível. O Rui era um homem de posições nítidas, conservadoras. O Getúlio quis que ele fosse deputado pelo PTB<sup>13</sup>, e ele disse não. Pelo PTB, é difícil. Pelo

---

<sup>12</sup> Rui Gomes de Almeida – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1955-1959, 1961-1965 e 1969-1971

<sup>13</sup> PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PSD<sup>14</sup>, quem sabe. E o Getúlio disse assim: “Não. Mas é que você é do Rio. No Rio, o PSD é muito fraco, eu não tenho como te ajudar lá.” [ri] Então... O Rui era um estadista. Ele teve uma conversa com Jango que lhe custou muito caro. Ele foi ao Jango... Aliás, no livro dele, ele conta a história. Ele foi ao Jango, levando uma lista de uns comunistas que estavam influenciando... Porque era demais. Os Correios, abriam carta das pessoas. Era uma esculhambação. Isso eu sempre digo, principalmente aos mais jovens, que, a essa altura da vida, não se cabe discutir coisas. Eu acho que deve se... Quem é do ramo, vocês, por exemplo, não custa nada atenderem a minha sugestão de parar ali na Cinelândia, na Biblioteca Nacional, sentar e dizer: eu quero aqui, fevereiro de 64, *O Globo, Jornal do Brasil*. Vocês vão ler. Tudo o que eu falo é o que estava nos jornais. Se era tudo mentira, tudo uma farsa, não havia o perigo, então... Bom. O que é que eu posso fazer. Então...

F. W. – A questão é que o senhor estava convencido.

A. D. – O fato é que eu estava convencido, como o Rui Gomes de Almeida, como todos os empresários do Brasil...

F. W. – De que havia o risco de fato.

A. D. – Evidente. Os editoriais d’*O Globo*... Há uma coisa que... Ninguém lê. Eu fico tentado. Mas eu gosto dos meninos, embora tenha muito pouco contato com eles assim. Mas eu queria fazer um trabalho, uma coisa qualquer sobre o Roberto. Porque o Roberto publicou agora, há dez anos... vinte anos, talvez... Ele morreu tem uns seis anos. Quando ele entrou para a Academia, noventa e pouquinhos, o livro, antes dele lançar, ele me mandou, com a dedicatória dele. E eu fiquei com aquilo lá uns dez anos, na minha casa, em Petrópolis. Agora, ao fazer esse foto-álbum e tal, eu resolvi separar umas dedicatórias que eu tenho, e uma delas é a do Roberto. Eu estava com esse livro lá em Itaipava, comecei a ler. E fui até às três da manhã. Eram os artigos do Roberto, que o José Mário Pereira montou para poder justificar a candidatura à Academia. É artigos duríssimos. *Os comunistas não podem*... Hoje, quem lê *O Globo*, os anos de chumbo, o tempo da ditadura, pensa que o Roberto Marinho vendeu o jornal antes de morrer, porque... Era ele, naquela posição. Então eu tinha essa militância de antes, de lá, de participar, de ter as... Ah. Quando eu fui... Em 1964, eu levei quatro ônibus de jovens

---

<sup>14</sup> PSD – Partido Social Democrático.

daqui para São Paulo, para a marcha da família<sup>15</sup>, que lá foi no dia 19 de março. O nosso aqui já virou da vitória porque foi depois. Quando eu levei, eu tive duas ajudas financeiras para alugar o ônibus, o lanche da turma e tal. Uma, do dr. Paulo Suplicy, pai do Eduardo, [ri] que era um revolucionário e me dizia assim: “Não ligue meu filho. Ele é um ótimo rapaz. Mas foi a um congresso estudantil em Praga e fizeram lavagem cerebral nele.” [ri] Isso me dizia o dr. Paulo. Porque eu, a primeira vez que fui lá, eu cheguei lá, fiquei intimidado com aquela mansão, com aquela coisa toda, não é, e aqueles empregados, aquelas coisas, e eu e Henrique fomos juntos... Você conheceu Henrique *Kertie*, não é? E eu e Henrique... Que a tia Penha era prima dele. E tinha sempre um jantar mas um jantar... um negócio solene. O que salvava era o irmão do Eduardo, o Roni, que era muito brincalhão, muito... E o Eduardo ficou me provocando assim, me ironizando, o jantar inteiro. Eu estava achando que era gozação. Não sabia o que é que era. E fiquei ali. Depois do jantar, o dr. Paulo disse-me você sabe, esse meu filho é um rapaz admirável, mas fizeram lavagem cerebral nele em Praga. [rindo] Então, nós apoiamos o Rui...

F. W. – Quem era o outro patrocinador?

A. D. – Foi o Rui e o Antonio Carlos, que... Magalhães. Mas...

F. W. – Quantas pessoas o senhor levou para São Paulo?

A. D. – Eu levei quatro ônibus. Cem pessoas, cento e vinte? Nós fomos, fizemos a passeata e voltamos. Coisa de garotada mesmo. E estávamos sempre lá naquela... fazendo os manifestos e... enfim, toda a mobilização. Fizemos um enterro do comunismo, aqui em Copacabana. Também, *O Globo* deu uma página e tal. Agora acontece que... e já dentro da Associação, eu estava... quantas vezes, lá em Bom Sucesso, perto de Petrópolis, com o Antonio Carlos, chegava aquele Galaxy com aquela placa verde e amarela; era o Costa e Silva chamando o Antonio Carlos. O Rui, que foi íntimo... Foi amigo do Getúlio mas foi íntimo do JK, intimérrimo, e íntimo do Costa e Silva, o Rui, como todo mundo... Eu só conheço um dirigente de entidade, nesses meus quarenta anos de militância, que é um homem absolutamente desprovido da vaidade. Se você quiser aborrecê-lo, você o elogie e bota uma coisa no jornal

---

<sup>15</sup> Marcha da Família com Deus pela Liberdade – Nome comum de uma série de manifestações públicas organizadas em resposta ao comício realizado no Rio de Janeiro em 13 de março de 1964, durante o qual o presidente João Goulart anunciou seu programa de reformas de base.

sobre ele. Que é o Antonio Oliveira Santos. Antonio é um cara que fica ali, é muito estudioso com aquela assessoria técnica dele, que é a melhor possível, e ele manda os caras aparecerem. O Carlos Tadeu, aquele que foi do Banco Central, o Cid Heráclito Queirós, toda essa equipe, ele que bota na frente, ele fica atrás. Os outros todos... Claro que tem... E evidente que o Rui, o sonho do Rui era um ministério. No Juscelino, ele ia e vinha porque ele tinha medo, na concepção dele... Isso me contava o Gilberto Marinho, que era meu padrinho de crisma e meu íntimo, e era o maior amigo dele, o senador. E Gilberto me dizia assim: “Você vê como é que são essas coisas. O Rui...” E o Gilberto era muito inteligente, tinha uma visão das coisas muito... A prova é que foi senador duas vezes no Rio, ele do PSD, nas eleições radicalizadérrimas, que era, de um lado, o da UDN<sup>16</sup>, que era o Hamilton Nogueira, e, do outro lado, o do PTB, que era o Caiado de Castro, que era chefe da Casa Militar do Getúlio. Aí quem foi que tirou o primeiro lugar? O Gilberto, e a segunda vaga, o Caiado. Por quê? Porque quem votava no Hamilton Nogueira votava no Gilberto, quem votava no Caiado votava no Gilberto, que eram dois votos. Depois, na eleição seguinte, em 62, também era um negócio assim. Aurélio Viana, que era o candidato das esquerdas e tal, e do outro lado o Juracy Magalhães, que o Lacerda<sup>17</sup> importou da Bahia. E aí, faz a eleição, o Gilberto de novo, reeleito assim. Gilberto era muito jeitoso, muito habilidoso, gaúcho, militar – que nunca frequentou – mas, naquela época, os militares eram promovidos. O que me valeu quase uma briga com a viúva dele quando ele morre. Ele morre, eu era diretor da Light, sucedendo a ele, e faço o anúncio – senador Gilberto Marinho... Era o título que ele amava. Ele só gostava de ser chamado de senador. E a viúva queria botar general Gilberto Marinho. Ninguém vai ao enterro. Ninguém sabe que o cara era general. Então... Uma vergonha. Ficou furiosa. Mas eu fui lá, mudei, botei senador. Mas o Gilberto me contava muito que o Rui tinha essa fascinação pelo ministério, e quando estava perto, com o Juscelino, aquela coisa toda, ele temia ganhar o ministério e perder a liderança, porque o Juscelino, que era o homem da livre empresa, que abriu para o capital estrangeiro, indústria automobilística e tal, era malvisto, principalmente no Rio de Janeiro, porque tinha o fenômeno Carlos Lacerda, por causa de construção de Brasília e por causa de abrigar a esquerda. Porque o Juscelino fazia coisas geniais. Por exemplo. O Ministério do

---

<sup>16</sup> UDN – União Democrática Nacional.

<sup>17</sup> Carlos Lacerda – Foi um jornalista e político brasileiro. Membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947-1955) e governador do Estado da Guanabara (1960-1965).

Trabalho e Indústria e Comércio, foi quando era para fazer a divisão e o Rui ser o... era do PTB, mas o melhor lugar era o Instituto de Imigração e Colonização, o IMIC, que era uma espécie de... misturava reforma agrária com todas essas coisas, num clima mais light. Ele entregou a quem? Aos integralistas do Plínio Salgado, porque o Plínio Salgado era da base do Juscelino, íntimo. Quer dizer, isto é que essa garotada de hoje e o pessoal, talvez até a sua geração, que já entrou no 64, não entende, que na democracia brasileira havia sempre esta ligação muito natural, porque o ministro do Trabalho era do Jango, de esquerda, e o cara do IMIC, embaixo dele, era do Plínio Salgado; e não faziam sabotagem um contra o outro, não, era tudo numa *nice*. Quer dizer, as... O Plínio Salgado era um parlamentar, e homem de uma grande cultura, altamente respeitado e de grande diálogo. Em Brasília, por exemplo, a grande gratidão do Juscelino e amizade de Juscelino com o Plínio foi porque o Plínio criou A Casa do Candango, que até hoje... Hoje é a Lúcia Flexa de Lima a presidente. Que é o Banco da Providência de Brasília. Foi a dona Carmela, mulher do Plínio. Então o Rui não foi ministro do Juscelino, com medo disto. Quando ele quis ser ministro, a bola passou quicando, ele foi vítima de uma coisa que acontece na vida, na vida pessoal da gente. As pessoas, eu acho que não devem... E o Rui, claro que era uma coisa muito importante para ele, carregou um pouco esta mágoa. Mas a mágoa não o levou a uma posição oposta, vou ficar contra a revolução, vou entrar para a Frente Ampla<sup>18</sup>, que foi na mesma época, e muita gente fez.

F. W. – Mas afinal, por que não conseguiu?

A. D. – Porque o general Golbery<sup>19</sup> não gostava dele. E embora o general Golbery não tivesse influência no governo do Costa e Silva, ele é que tinha criado o SNI<sup>20</sup>, então a estrutura do SNI era obediente ao Golbery, naquela época, porque ele tinha acabado de criar o órgão. E o Golbery é de espírito de alguns dos meus queridos, diletíssimos amigos e grandes admirações da minha vida, udenistas, mas eu nunca fui alinhado à UDN, com uma incompatibilidade de temperamento e de gênio curiosa. Por exemplo, eu vou contar uma história aqui, que aconteceu agora, em 94. Eu era vice-presidente da Associação, do... do Artur Sendas<sup>21</sup>. E o Artur vira-se

---

<sup>18</sup> Frente Ampla – Foi um grupo político reunindo Carlos Lacerda e seus adversários (Juscelino Kubitschek e João Goulart) contra o Regime Militar de 1964.

<sup>19</sup> Golbery do Couto e Silva – Foi um militar brasileiro.

<sup>20</sup> SNI – Serviço Nacional de Informações.

<sup>21</sup> Arthur Sendas – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1997-2001.



para mim e diz assim: “Aristóteles, nós vamos fazer...” Foi do Artur? Não sei. Foi no centenário do JK. Vocês têm aí a data.

R. L. – Humberto Mota<sup>21</sup> era o presidente em 94.

A. D. – É. Mas não foi... Quando é que foi o centenário do JK? Foi em 2000? 2001? 99? Isso, depois, você vê aí, tem no dicionário. “Você podia, você é amigo do Oscar Correia, você é mineiro, vai lá e vamos convidá-lo, porque fica uma coisa simpática. Ele é um cara da UDN que foi contra o Juscelino.” Está ótimo. Não tem problema nenhum. Liguei, para eu ir à casa do dr. Oscar. Fez o convite e tal, ele aceitou, marcou na agenda dele e tal. Aí, vira-se para mim, me diz, com a maior tranqüilidade: “Mas olha, muito boa essa idéia, Aristóteles, de vocês. Juscelino foi um homem que marcou a vida de nós todos, a vida do Brasil e tudo mais, e agora fica esse endeusamento também dele. A coisa não era bem assim. Foi muito bom vocês terem se lembrado de chamar alguém para fazer uma palestra contra ele.” Eu: Como?! [risos]

R. L. – O senhor não entendeu bem o espírito.

A. D. – Mas é em homenagem a ele e tal. Ah não, então... Como é que você me convida para fazer? Eu iria lá para contar a leviandade de Brasília, que o país paga até hoje. Não. Você fique à vontade. Você conversa lá e...” Eu disse: “Dr. Oscar, eu nem vou conversar. Eu já vou dizer que o senhor está viajando, não pode ir, e esse assunto morre entre nós.” “Mas então você achava que eu ia lá elogiar?” “Não. Porque Juscelino era um bom sujeito.” “É. Mas a palestra não é sobre o bom sujeito. Se é para fazer sobre um bom sujeito, eu vou lá dizer que ele era um bom sujeito mas péssimo presidente.” [risos] Então o... essa turma da UDN, e o caso do Golbery, são as pessoas que patrulham. E se vocês entrarem no Google, por exemplo, botar o meu nome, tem lá um artigo, que eu não li na ocasião, eu descobri anos depois, deste rapaz, é muito culto, muito preparado, mas uma mente que faz com que as pessoas achem sempre a direita uma coisa horrível, uma mente meia perturbada, que é o Olavo de Carvalho<sup>22</sup>. Eu então convido o Olavo... Eu fazia uns almoços... Até, quando eu saí da Light, eu fiquei muito... eu parei com aquilo. Queriam que eu voltasse a fazer, mas... faltou tempo. Durante doze anos, eu fazia um almoço de aniversário, que era uma coisa muito engraçada porque, primeiro, eu ficava patrulhando – não pode dizer que é em minha homenagem não porque sou eu que estou

---

<sup>21</sup> Humberto Mota – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1993-1997.

<sup>22</sup> Olavo Monteiro de Carvalho – Atual presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.



homenageando os meus amigos, sou eu que estou pagando, então... ponto um; em segundo lugar, os caras dos buffets ficavam doidos comigo, porque eu dizia não, meu caro, são quatrocentas pessoas. E se tiver mais? Se tiver mais não come, vai embora, vão comer numa churrascaria perto. Você só fica com raiva se você paga em adesão. Eu dou lá cinquenta paus. Não teve a comida... Não é? Aí não, se você for e não conseguir comer, vai ser até melhor para mim politicamente, você vai sair, vai dizer, poxa, você não sabe o que tinha de gente. Eu tive que vir embora. Porque você está pagando...

F. W. – Mas aí você convidou o Olavo.

A. D. – E então... Eu sempre o convidei. Nesse livro tem uma foto engraçada: eu entre os meus dois queridos amigos, o banqueiro Marcos Magalhães Pinto e comunista Hércules Correia. Que o Hércules é muito meu amigo. E a ex-mulher, que eu gosto muito, a Flora. Infelizmente, separaram. Moravam aqui pertinho. E eram muito festeiros. Faziam... Tinham um ótimo apartamento no térreo, com um terraço enorme, na Marquês de Abrantes, e fazia a reunião, só tinha a esquerda, e eu. E aí o Sérgio Cabral pai lançou ali, depois relançou, na televisão, uma tese de que todo esquerdista tinha que ter um direitista de estimação. Eu era o dele. [risos] Então o... este debilóide escreve um artigo, que eu não li na ocasião, dizendo o seguinte: *a direita morreu no Brasil, não existe. Fui a um daqueles mega-almoços do Aristóteles Drummond, que é um quadro da direita, da revolução, chego lá, só encontro comunistas.* Porque era o meu aniversário. Eu não estava fazendo uma reunião, uma sessão nostalgia do Castelo Branco<sup>23</sup> ou do Costa e Silva. [ri] Estava fazendo meu aniversário. Então existe essa... O Rui... O Golbery era homem desta linha: um mineiro, homem do ressentimento, da picuinha, da futriquinha. Gostava de jogar para conquistar o outro lado em termos políticos. Você deve se dar e conquistar pessoalmente as pessoas, e não querer cooptar. E errou tanto que botou... Ele foi mais leal ao Hélio Gaspari que ao Geisel<sup>24</sup>, que era o padrinho dele, ao entregar aquela coisa chocante do general Geisel dizer – ah, é mesmo, tem que matar. Quer dizer, que coisa... Que mostra a cabeça do cara. E aí ele (o Rui) foi vetado. Ele foi vetado, ele foi para a Europa. O Costa, muito constrangido, mas o Costa foi um presidente que estava

---

<sup>23</sup> Castelo Branco – Foi militar e político brasileiro, o primeiro presidente do regime militar instaurado pelo Golpe Militar de 1964.

<sup>24</sup> Ernesto Geisel – Foi um general e político brasileiro, o quarto presidente do regime militar instaurado pelo Golpe de 64.

muito... Foi quando o Fábio Hassuda teve uma agonia mais longa, porque o Costa e Silva estava tentando operar a ida dele. Aí é que entrou o Prattini, muito mocinho.

F. W. – Eu queria voltar um pouco para esse momento. Duas questões rápidas com relação a esse momento da sua chegada à Associação, ou essa Associação que o senhor começou a descrever aqui, no final dos anos 60. Primeiro, só para esclarecer um ponto. Nesse momento, o senhor trabalhava...

A. D. – Sempre como jornalista.

F. W. – Mas onde o senhor trabalhava como jornalista?

A. D. – N' *O Dia*. Tinha uma coluna n' *O Dia*.

F. W. – Mas o senhor já trabalhava no Banco Nacional também.

A. D. – Trabalhava no Banco Nacional, uma parte, e no governo Negrão de Lima, onde fui assessor do governador, diretor do Departamento de Engenharia Urbanística e diretor da Cohab, que foi o maior cargo.

F. W. – Está ótimo. É só para esclarecer esse ponto.

A. D. – E fiz muito... Há uma coisa curiosa. O Rui não gostava ou ele tinha dificuldade com duas pessoas, que ele elogiava e recebia fidalgamente, que era... que não podia deixar de ter admiração pela inteligência, o brilho, era o Carlos Lacerda. O outro, o Negrão, que era um gentleman, era um homem da cordialidade integral. Entretanto, uma coisa que eu vivi muito àquela época, lá dentro e com ele, era sempre difícil a relação entre os dois. Com o Lacerda, eu não entrava, porque ele tinha o Hélio Beltrão que era amigo. Porque o grande funcionário da casa foi o Heitor Beltrão. E aí você vê nesse texto...

R. L. – Chegou a ser secretário...

A. D. – Foi secretário-geral. E eu botei aí nesse meu texto, uma coisa que eu gosto muito de fazer, não é por sacanagem, eu sou amicíssimo da Maria, a viúva dele, que me distingue muito, mas você há de convir que existem os homens do sistema da revolução, que foram ministros –, Mário Henrique Simonsen, aqui nesta casa (a FGV), Gonzaga Nascimento Silva, Hélio Beltrão, são sujeitos formidáveis, maravilhosos -, nunca foram nada na revolução. Isso tudo que está aí, que foram ministro, ministro da Fazenda, ministro do Planejamento, ministro, presidente da Petrobras, ministro da Previdência e ministro da Desburocratização... Por isso

que eu, quando escrevo o nome do Hélio Beltrão, eu boto sempre... Outro dia, foi o aniversário dele, eu fiz o artigo, a Maria me ligou, muito contente e tal, que a filha dela tinha lido o... porque, na época, meu artigo saía num jornal em Goiás. Eu nem sabia que ela tinha uma filha que morava em Goiás. Que essa outra que é aqui da TV Globo.

F. W. – Da Globo *News*, é. Maria.

A. D. – É. Então eu botei: Hélio Beltrão, que foi ministro de Figueiredo<sup>25</sup>, ministro de Geisel. Sim. Porque querem... Ou então, antes de morrer, dissesse: levo para o túmulo a mágoa profunda... Não é? Quer dizer, é uma coisa muito comum, no Brasil, isso. O Rui não. Os meus amigos, os meus presidentes de depois... Quer dizer, são estilos. Não estou querendo criticá-los. Mas eu, depois do Rui Barreto para cá, eu não encontrei mais nenhum presidente – e olha, vice fui do Marcílio<sup>26</sup>, vice do Sendas e vice do Olavo – que topasse uma nota forte em relação a uma questão fiscal, que é o que interessa ao nosso público; e não consegui aquilo que... eu acho que foi minha boa idéia para atender do grande ao pequeno, mas principalmente ao pequeno, e para dar uma força à Associação Comercial, você ter um plástico de sócio da Associação Comercial, porque eu queria ter o disque-denúncia contra a corrupção. A corrupção do que... Porque a corrupção que os jornais dão é a corrupção do Daniel Dantas, dos bilhões do Banco Central, esse caso louco, que só acontece no Brasil. O Cacciola está preso e foi perseguido, o ministro foi buscar... Eu não conheço o senhor Cacciola. Vi duas vezes em Angra dos Reis, que ele era vizinho do Roberto. Ele nem sabia quem eu sou. Se sabe é porque viu na televisão. Mas eu acho uma vergonha. Que mostra que nós somos do quinto mundo. É o senhor Cacciola estar preso – sozinho. Porque todos os jornais... E eu fico pensando: poxa, se eu conhecesse ele ou o advogado... E também... Mas agora mesmo, no episódio desse ano, em Mônaco, eu fiquei lendo aquilo todo dia, em todos os jornais, eu queria recortar. Porque todos os jornais diziam: o senhor Salvatore Cacciola é procurado, foi condenado porque solicitou do Banco Central um bilhão e tanto, recebeu e tal... Ele solicitou. É a mesma coisa de eu chegar para você, dizer: eu estou aqui numa situação um pouco apertada, a greve dos bancos, você podia me emprestar duzentas pratas? – e quando chegar lá embaixo, você está telefonando para

---

<sup>25</sup> João Baptista Figueiredo – Foi um general de exército e político brasileiro. O último presidente do regime militar.

<sup>26</sup> Marcilio Marques Moreira – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 2001-2005.

a portaria, está saindo um cara aí que me roubou duzentos reais. E o caso é o seguinte. Ele pediu? Pediu. E quem deu? Com todo o respeito, nomes até sagrados nessa casa... [ri] Mas... É o cúmulo isto. Quer dizer... É como o juiz Lalau. Então o juiz Lalau falou cento e oitenta e seis vezes no telefone com o Palácio do Planalto e a conversa foi sobre indicação de juiz classistas, conversas de um minuto, dois minutos, três minutos e meio, e todo mundo engoliu, porque é um acordo entre os primos PT<sup>27</sup> – PSDB<sup>28</sup>? Quer dizer... Não é inacreditável, este senhor é o lalau, é o lalau sozinho? Só ele que fez aquele prédio. Só ele que arrancou o dinheiro do Banco do Brasil, só ele que fazia o Palácio do Planalto dar ordem para liberar o dinheiro. Quer dizer, o Brasil virou esse negócio. A Associação poderia criar numa... Nós tínhamos o equipamento, (que fim levou) acho que ainda tem, que era do telecheque...

F. W. – Uma central.

A. D. – Uma central. Que teria a do pequeno. Porque o cruel é o cara do quiosque. O cara do quiosque...

F. W. – Que é achacado.

A. D. – É o cara de uma loja que é achacado porque botou ali a sobrinha para ajudar, porque a mulher que ajuda e que é sócia da casa, logo pode estar lá sem carteira, mas está doente, então foi a sobrinha para ajudar a vender meia dúzia de... enfim, objetos, e chega o fiscal e diz não, mas ela está aí, ela estava vendendo. É sua sobrinha, mas ela tem que ter a carteira assinada. É um achaque. É o achaque do botequim. Que o sujeito entra no botequim, se tem lá um engradado de cerveja, alguma coisa perto do banheiro e tal, é multado, fechado. Quer dizer, é um cerco a essa pessoa modesta, a essa pessoa humilde. Um papel de uma entidade como a Associação Comercial era ter o disque-denúncia, para poder, todo fim do dia, sair o ofício, assinado pelo presidente e com cópia para os jornais. Se o jornal não quisesse publicar... Mas sempre teria um que iria ver: poxa, achei interessante essa aqui. Porque a loja é conhecida ou... O Lidador foi achacado por um... Enfim, essa defesa.

R. L. – Ou seja, o senhor pensa o papel da Associação...

---

<sup>27</sup> PT – Partido dos Trabalhadores.

<sup>28</sup> PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira.

**A. D.** – Essencialmente político. Eu adoro, acho, quando se fala lá em problemas sociais, disso ou aquilo, perfeito. Mas, eu sou irmão da Santa Casa, sou do conselho da ABBR<sup>29</sup>. Estas coisas eu faço lá. Eu não posso sentar, amanhã, na ABBR e dizer: o que vocês estão achando dessa crise financeira, o problema fiscal? Eu estou preocupado é com a cadeira de rodas. Eu estou lá para ajudar a ABBR a ter recursos para sobreviver e para atender. Quer dizer, cada macaco no seu galho. O papel da Associação Comercial, o grande papel... O João Dault<sup>30</sup>... Depois, o Rui Barreto me lembrou. O João Dault é que era o presidente quando nós apoiamos... quer dizer, nós... meus antepassados lá – a criação da Confederação Nacional do Comércio e da Indústria, da Agricultura e o sistema S, a Associação (olha o desprendimento, olha o espírito público) apoiou, e o primeiro presidente da Confederação Nacional do Comércio foi o João Dault, que era presidente da Associação. Se você olhar a história antes, que eu acho que a gente não deve nem mergulhar muito, porque a história antes, eram umas brigalhadas com o governo por causa de dinheiro para fazer a sede, um empréstimo; emitiam umas debêntures, garantia do Banco do Brasil... A parte bonita da Associação é o barão de Oliveira Castro<sup>31</sup>, avô dessas... que tem aqui, a família Oliveira Castro, das Mayrink, que são descendentes dele. É o homem que foi presidente da casa, era um homem muito rico, e que deixou de legado umas ações do Banco do Brasil, que até hoje é a terceira ou é a quarta renda da Associação, são esses dividendos. A casa, a casa que tinha aqueles grandes portugueses que tinham as lojas, era o homem da Casa Tavares, que morreu há pouco tempo, a casa do empresário, do comerciante. Você pega essa chapa aqui, você olha, o Alfredo Magalhães tinha uma fábrica de tecido, o André Lasens de Botton tinha a Mesbla, o Galotti, a Light, o Antonio Moreira Leite, esses rubro-negros nossos colegas, era a Casa da Borracha, o Armando Dault de Oliveira, o Laboratório, Augusto Trajano de Azevedo Antunes, a KM, Aventino Fernandes Carvalhal da Silva Laje era um português riquíssimo, que hospedou na casa dele o almirante Terrero quando foi perseguido pelos comunistas em Portugal. Todas essas figuras aqui... O Benedito Pierotti, que era um homem que vendia vinhos de boa qualidade, no Rio. Corinto de Arruda Falcão, pai do nosso companheiro Joaquim Falcão, dono de uns hotéis ali. Fausto Garcia de Freitas, grande

---

<sup>29</sup> ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação.

<sup>30</sup> João Dault – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1942-1951

<sup>31</sup> Barão de Oliveira Castro – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1884-1889.

tributarista, sogro do jornalista Carlos Chagas. Então, todos esses. João Portela Dantas, dono do *Diário de Notícias*. Enfim, tudo isso aqui. Agora, tem muito advogado, tem muito... Aí você vai dizer, bom, mas você...

F. W. – Só tem a dona Rachel.

A. D. – E a dona Rachel. Que então é a nossa... [ri]

F. W. – Mas isso que eu queria que o senhor falasse para a gente. O que aconteceu com a Associação?

A. D. – E hoje... Não. Hoje, temos... Houve um movimento, que, hoje, nós temos dois presidentes do Bradesco no nosso conselho, o dr. Lázaro Brandão, que ainda há pouco esteve na última reunião, veio, o Luís Carlos Trabuco e o Eduardo Batista Viana... O Eduardo Batista Viana, cá entre nós, fui eu que sugeri. Pelo seguinte motivo. Os caras tinham lá uma listinha de cupinchas daquela turma. Eu gosto muito deles. Agora este aqui, por ser meu amigo, quando fizemos a obra ali debaixo, e eu tive a idéia do negócio da Rede Vida, eu fui pedir a ele o equipamento para ter o link, que é da Associação. Aí fez-se um comodato com a Rede Vida. Aí a Rede Vida nos deu dois programas, o cultural, do Ricardo Cravo Albin, e o meu. Aí depois, eu até me integrei na Rede Vida. Hoje é independente de ser da Associação. O benemérito o que é que é? Quem é o seu benemérito? É o seu padrinho que te deixou aquela fazenda e tal. Ele é o benemérito. [risos] A sua madrinha era uma santa pessoa, mas você teve ainda que pagar parte do enterro. Então, são pessoas distintas. Você gostava mais do teu padrinho, o da fazenda, ou da madrinha? Gostava mais da madrinha, que era um amor. Mas quem era o benemérito é o outro. As coisas têm que ser... não podem ser de maneira pouco clara. Eu estava falando isso a respeito de quê?

F. W. – Estávamos falando de por que tem que chamar dona Rachel. E eu quero saber o que aconteceu com a Associação.

A. D. – Ah bom. Não. Lázaro Brandão. Aí eu disse não. O benemérito ficou o Eduardo Batista Viana, da Bradesco. Ele nos deu isso. Então ele tem que ser benemérito. Aí ele entrou de benemérito, e aí começou uma aproximação com o Bradesco maior. E aí veio o dr. Lázaro, veio o Trabuco.

R. L. – Você estava falando do nome daquele Luís César... Não. O nome que você acrescentou na lista.

**A. D.** -- Ah não. Para ser benemérito. Eduardo Batista Viana. Que aí ele veio a ser...

F. W. – Mas aí, vamos lá, o que aconteceu nesses quarenta anos, entre essa Associação que está aqui, que é notícia nos jornais, e as outras?

**A. D.** – Eu acho, no meu entender... Não. A Ação Empresarial, que foi nos anos 80, com Rui Barreto... O Rui Barreto foi o último presidente estadista. Depois nós tivemos um empresário, que teve dificuldade nos seus negócios, mas um homem dedicado, articulado, que o Amauri Temporal, mas sem a força ou da representatividade ou da opinião. Porque você vai dizer assim. Mas você tem a pretensão de achar que você é um membro influente da Associação Comercial, se você tem seis empregados e só exerceu cargos em estatais? Sim. Porque eu supri isto pela militância pró-livre empresa. Quem é o meu guru? De quem eu era o cabo eleitoral, que está lá no livro dele, na primeira página, um agradecimento *por me ajudar nos meus labores políticos e peripécias eleitorais*? É o Roberto Campos<sup>32</sup>. Eu fiz o apostolado. Outros podem ter feito outras coisas, agora eu fui e sou, há quarenta anos, o que cobra posições de defesa da livre empresa, independente de governo a, b ou c. Nestes quarenta anos, eu pertenci, de uma forma ou de outra, a todos os governos, inclusive do atual, porque represento a Eletrobras no conselho de uma empresa elétrica.

F. W. – Mas é um problema apenas de liderança?

**A. D.** – É um problema de disposição política, de achar, de temperamento. Por exemplo, um dos presidentes, quando eu sugeri uma tomada de posição numa questão que ameaçava a livre empresa -, e o pronunciamento tinha que ser forte porque... - ele me trouxe de volta o pronunciamento: uma carta para a vovozinha. Eu digo: Mas meu caro, esta casa está tão afastada das lides, e porque não tem recursos, não é. Você tem essa Firjan<sup>33</sup>. Mas só que a Firjan contrata só o pessoal que é indiferente à livre empresa. Vai ver o pessoal da área de comunicação e tudo isso. Não está ninguém preocupado com o comunismo. Eu acho que o empresário tem que estar preocupado com o que existe aí de comunismo, ou seja, com a estatização, com o estatismo, com o intervencionismo, com o controle, com o abuso ambiental. Este é o nosso papel. Ah, que papel horroroso. Mas é o papel. A grande coisa é que a Associação Comercial não é uma associação lítero-musical. Acho formidável, dou todo o

---

<sup>32</sup> Roberto Campos – Foi um economista, diplomata e político brasileiro.

<sup>33</sup> Firjan – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

apoio, que é meu querido amigo, que é o Ricardo Cravo Albin, faz um ótimo trabalho lá; mas eu acho que a ênfase deste tipo de trabalho está maior. Segundo. Nós não chamamos lá os ministros, nós tínhamos os grandes almoços com trezentos ministros, quatrocentos ministros mas cuja pauta dos discursos não era chamar o ministro lá para elogiá-los. Podia até dar uma elogiada no que eles estivessem fazendo de bom, mas era fundamentalmente para cobrar. Nós temos que reformar, nós temos que renovar. Por exemplo, eu, como eu sabia, eu combinei... Eu fui chefe do gabinete do José Hugo Castelo Branco, então eu combinei o almoço em homenagem ao José Hugo, e combinei com o José Hugo o seguinte: “José Hugo, vamos operar uma série de reivindicações. Do que é que você vai poder resolver lá na hora para você fazer”. Isso que é fazer política. E então, ali, ele anunciou: vou fechar o IBC, vou fechar o IAA. Me nomeou para fechar os dois aqui no Rio. Vamos criar o novo código comercial. Porque aí havia uma coisa, que os governos toleravam mas não mudavam no corpo da lei, e aí havia também sempre o perigo do fiscalzinho, da ladroagem. Você sabe que até 1987, o governo Sarney<sup>34</sup>, só era previsto se abrir aos domingos casas de alugueis de bicicleta?

R. L. – Sim.

A. D. – Por quê?

F. W. – Porque não podia abrir.

A. D. – Não. Podia abrir o de bicicleta, agora o de automóvel não podia, porque o código era de 41 e, em 41, não tinha locadora. Não havia nenhum capítulo na lei no que toca ao funcionamento de bares e serviços de alimentação, banca de jornal em aeroportos; tinha em estações marítimas e rodoviárias, porque também não tinha vôo, a ponte-aérea, na ocasião; e o sujeito quando ia, era uma coisa até... era um avião por dia, ou dois, o sujeito nem tomava o cafezinho. Então o Brasil teve estas coisas que foram... Então houve esta reivindicação da Associação. Mas ali foi uma coisa combinada. Mas, poxa, o ministro ficou feliz, porque fez o grande gesto, e a Associação foi prestigiada, porque foi ela que questionou e levantou, para se fazer o novo código comercial. Aí é que veio o negócio dos shoppings, já havendo acordo entre os empregados e os... Há algumas teses, por exemplo, que, a mim, me preocupam, sob o ponto de vista social. Nunca coloquei lá. Posso ter falado *en passant* em discursos. Que é um assunto muito delicado. Mas de muito alcance social. Eu acho que no Brasil, hoje, nós estamos

---

<sup>34</sup> José Sarney – é um político e escritor brasileiro. Foi presidente do Brasil entre 1985-1990.



matando uma parte muito saudável da classe média proletarizando-a, que é a do comerciante. E de onde que vem isso? O comércio de rua está degradado, Copacabana está na degradação total, porque não há um disciplinamento das chamadas grandes superfícies. Que é o que aconteceu em Portugal também, um caos. O português só vai ao shopping. Então, hoje, querem revitalizar a Baixa lisboeta com uns bancos. Não é assim. Eu quando comecei a ir a Portugal, eu comprava tudo meu ali na Baixa. O Louis Vuitton quando abriu a loja lá achou que o lugar era aquele, como se fosse aqui a avenida Rio Branco; depois é que viu que tinha que ser na Garcia D'Ávila, quer dizer, ou dentro de um shopping. Então, eu acho socialmente criminoso. Eu acho que deve haver uma regulamentação de não poder ter determinado tipo de atividade... Eu estou aqui filosofando com vocês, não sei se estou roubando o tempo de vocês nisso, mas... A tinturaria. A tinturaria não pode virar a multi, a franquia, tem que ser o português ali da esquina, que você vai, a chinesa da rua Barão da Torre, que entende das roupas de mulheres. Essas coisas, que eu acho que nós não podíamos matar esse tipo de comércio, porque há desvalorização imobiliária, há o abandono...

F. W. – Isso, por exemplo, além do combate à corrupção, poderia ser uma bandeira da Associação.

A. D. – Uma bandeira de disciplinar, sem brigar com os shoppings, claro, que são nossos sócios e grandes mantenedores, mas...

F. W. – Mas como fazer? Eu fico pensando, no seguinte sentido...

A. D. – Você se interessar pelos assuntos da casa. Ou seja, assuntos da casa, como é que é o nome da entidade? Associação Comercial do Rio de Janeiro. Então tem que cuidar dos assuntos ligados ao comércio. O quê? O que é grave? Primeiro, uma coisa que se conseguiu agora, que nós participamos mas muito pouco, muito pouco. E quem tem que fazer são as entidades mesmo. E o negócio acabou sendo feito por político. Foi o Dornelles que resolveu. Um problema, que era uma coisa horrorosa, que existia até dois, três anos. Por que é que tem essa corrupção aqui no estado, esses Silverinha da vida, essa coisa toda? Porque a dona Rachel, multada em duzentos mil reais, foi colocada no seguinte dilema: ou ela recorre, e para não pagar as multas, aquela coisa toda, ela tem que depositar em juízo e lutar. Ela estava... estava uma crise daquelas, ela aí... então, foi mais barato para ela pagar cinquenta mil para o fiscal. Quer dizer, o depósito era um estímulo à corrupção, porque o sujeito autuava e você ou depositava... com o custo do capital no Brasil... Então, uma associação era para isso, ir para a

televisão... E outra coisa. Perdeu-se, e uma parte da perda da influência das empresas, e na minha opinião, do que está acontecendo hoje lá fora e aqui, é... Uma coisa muito reacionária. Eu tenho uma idéia, me lembrei agora, quando passei no corredor aqui. Vocês têm ali cinquenta e oito publicações, no corredor, cinquenta e seis comunistas, duas neutras, são tricô e crochê. Por que a gente não faz uma mesa-redonda um dia, para publicar um livro dizendo o que pensa a direita no Brasil? Há uma direita que pensa, uma direita brasileira. Não é direita, negócio de milico. Eu não conheço milico, nunca conversei com milico, nunca entrei num quartel. Apoio a eles e estou louco para eles voltarem, mas jamais... Não tenho essa formação, está entendendo? Não sou um Olavo de Carvalho. Quer dizer, o Olavo fica... O Olavo, fomos fazer uma palestra o ano passado, em conjunto, no dia do aniversário da revolução, no Instituto de História e Geografia Militar, na casa de Deodoro. Eu falei sobre a revolução. Por que é que houve a revolução, o que é que estava havendo no Brasil, aquela conjuntura do mundo, as forças, tal, a imprensa, a mobilização e tudo mais. E ele vem falar no clube do fórum, fórum latino-americano, fórum da conspiração. É tudo... São coisas elucubrativas. O que está ali é livro sobre João Goulart, que, coitado, era um ótimo sujeito, mas uma nulidade total. Mas por que não... E até o pessoal ligado a ele era... das pessoas mais queridas minha é Yara Vargas, que morreu o ano passado, que era íntima dele. Eu não faço esse tipo de restrição. Por exemplo, eu apoiei o Brizola, em 82, para senador. Como católico, achava que era para evitar um rapaz, que eu não tenho nada contra ele aí, o bispo, e também porque tinha o Jorginho, é amigo de Teresa, de Niterói, é um bom sujeito, bom prefeito, e talvez até fazendo o favor de não ir à prefeitura, a prefeitura anda bem. [risos] No Brasil, acontecem essas coisas. O sujeito vai e aí a coisa não funciona. Mas eu... E o Brizola disse uma coisa que me deixou satisfeito. Ele disse assim... Eu convidei um pessoal velhinho, não é, dom João de Orléans e Bragança... que tivesse a idade dele, porque Brizola tinha aquela pinta toda mas tinha oitenta anos, em 2002. Convidei o João de Lima Pádua, que era o primo da república, aquele genro do Benedito, primo do Juscelino, cunhado do Lucas Lopes, tio do Miro, o Vaval Aranha, que foi da guerra também, e convidei um coronel que tinha um jornal, (coitado, ele morreu), coronel (Schirmer), que era um gaúcho, tinha um jornal, *Ombro a Ombro*, que era jornal dos milicos, e os meus amigos da área do Brizola. Estou até... Peguei o livro de um agora... Que coisa incrível. Há dez anos, o cara previu essa... Mas isso não interessa. A mídia, hoje, não tem essa... Tinha que pegar... Vou até ligar para ele. Arnaldo Mourthé. Não sei se vocês conhecem. Arnaldo Mourthé é um esquerdista histórico, foi quase ministro, era como se fosse ministro, na Argélia, e depois foi

em Moçambique, foi da FAO<sup>35</sup>. Ele foi exilado. E depois voltou, com o Brizola, e foi o secretário de Planejamento do governo do Brizola. O homem do metrô. Rigorosamente de bem. Que também tem essa coisa. A UDN esculhambava os brizolistas como ladrões. Não eram. Eram irresponsáveis. Eu vejo, lá em Petrópolis, aquele Jessé Sarmiento, que era o dono, no Brizola, não é, hoje, perdeu uma perna, uma vida modestíssima, morando... E mandou aqui no estado tantos anos. Mas então, o Brizola disse assim: “Eu aqui, como dono da casa, há alguns equívocos que têm que ser esclarecidos. Primeiro, ambos gostamos dos militares, mas por motivos diferentes”. Aí ele... ele era um cara de pau, disse assim: “Vocês vêem que eu só uso camisa azul; então eu vou explicar. É porque eu servi na Aeronáutica e adorei tanto que fiquei [inaudível] [risos] príncipe, que é herói de guerra...” Porque o dom João era coronel da Força Aérea. E a outra foi, disse assim: “Imaginem só. Dizia, outro dia, o Aparecido:  *você e o Aristóteles vão ficar íntimos amigos, porque vocês não estavam contra, vocês estavam na paralela.*” [risos] Que era muito do Zé essas tiradas e essas... [ri]

F. W. – Mas sobre quem?

A. D. – Mas então, eu gostaria de dar um depoimento de quem tem...

F. W. – Sim.

A. D. – Porque quando vocês lerem esse meu arquivo, eu tenho quarenta anos de artigos. Eu nunca passei uma semana sem assinar...

F. W. – Só um segundo. O senhor viu o meu livro sobre Afonso Arinos de Mello Franco?

A. D. -- Não.

F. W. – Está lá.

A. D. – Hein?

F. W. – Meu livro está lá. Sobre Afonso Arinos de Mello Franco.

A. D. – Está lá no coisa? Mas por exemplo, o Afonso Arinos, cujo grande livro, realmente, é o sobre o pai, é o *Um Estadista na República*. Há um livro do Afonso Arinos, que eu acho que até deve ser republicado, são os artigos que ele escreveu durante a guerra. O Afonso Arinos era realmente o único... Porque o grande mérito do Getúlio, no meu entender, e

---

<sup>35</sup> FAO – Organização para a Agricultura e Alimentação.

eu sou getulista, e eu tenho, no meu escritório, uma coisa que eu comprei num antiquário em Petrópolis, uma esfinge do Getúlio, em ferro fundido, e com uma frase bem da direita - *o guia da nacionalidade*. Guia, em italiano, é duce. Então ele era o guia. Ele era a tradução do Duce. E por quê, por que o Getúlio foi a grande figura? Porque ele foi o maior anticomunista que o Brasil teve. Ele entrou ali e jogou para escanteio a direita, até numa sacanagem porque, se você for olhar o comportamento impecável... O Plínio Salgado<sup>36</sup> não foi padre por qualquer coisa, mas escreveu aquela vida de Cristo, que é uma beleza. Ele era um homem de um comportamento ético e tal. Que eu fui estudar a presença dele no... oito anos de exílio em Portugal, nunca viu o Salazar. E a expressão em Portugal, aqui, ele imitava de lá, o integralismo. Agora, saiu até um livro, o integralismo português e o brasileiro...

R. L. – Foi. Há coisa de um ano e meio, mais ou menos.

A. D. – Achei fraco o livro. Achei fraquinho. Mas então você veja que o Getúlio, ele jogou os comunistas numa cadeia, os integralista em outra cadeia, deixou os democratas esperneando, tipo o Afonso Arinos, e reinou aqueles quinze anos, o Brasil ficou fora da fofoca, fora da guerra, praticamente. Que nós só entramos na guerra... Há aquelas coisas. A Segunda Guerra Mundial, a história é a mais farsante que eu já vi. Primeiro, no que toca à França, a resistência francesa. Não houve resistência coisa nenhuma. Receberam muito bem, braços abertos, tratados a pão-de-ló, nunca ninguém contestou o Pétain, nunca ninguém contestou nada. A partir da invasão da Rússia, os comunistas franceses começaram a resistir. E da mesma maneira, um Mussolini, que botam lá dependurado num posto de gasolina, em 29 de abril de 45, e ninguém põe uma fotografia, que tem sentido, (aí eu falo como jornalista, como repórter) uma fotografia das quatrocentas mil pessoas em Milão, em dezembro, em pleno frio, quatro meses antes. Então não... Ninguém fica com ódio do outro em quatro meses. Não foi. E também a morte dele, que foi vil, covarde: salta do carro, vai lá, ele e a namorada, e fuzila. Aí pode. Aí pode. Agora o cara do DOI-Codi<sup>37</sup> que matou o sujeito que jogou uma Kombi de explosivo, que estourou um reco lá no 2º Exército, não pode. Ganha indenização. Essas coisas não... Guerra é guerra, os dois lados são sujos. Da mesma maneira, o sujeito falar mal da polícia.

---

<sup>36</sup> Plínio Salgado – Foi um jornalista, intelectual e filósofo brasileiro que, influenciado pelas novas idéias fascistas que vinham da Europa, ajudou a fundar a Ação Integralista Brasileira.

<sup>37</sup> DOI - Codi – Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna.

Claro, a polícia é o bandido do nosso lado. Essas coisas, eu acho que o Brasil e as pessoas procuram criar uma... Então a Associação, eu acho que, basicamente, o meu depoimento, (eu estou fugindo aqui para filosofar, já estou fazendo o meio do meu livro com vocês) é a grande figura, a grande marca, a época áurea, o prestígio, o *condottieri* da Associação chama-se Rui Gomes de Almeida, porque ele foi o homem que tinha posição política, que tinha presença política e tinha aquilo que eu comecei a falar e fugi, também, por outros caminhos, que era o seguinte. Naquela época, quem mandava nos jornais era o dono dos jornais. Hoje, os jornais estão como as embaixadas russas no tempo da guerra fria, em que o embaixador era só para ir a coquetel, o motorista é que era o quente, que era quem mandava. Aqui, os jornais são assim. Se você pegar os donos, os acionistas dos principais jornais brasileiros, eles não têm nenhuma influência. Não têm. Até porque os jornais retratam, pela sua terminologia e pela sua coisa, aquilo que os redatores querem; que eu acho perfeito, desde que houvesse um espacinho para dono, o dono que, se for à falência, vai perder o seu apartamento, a casa de campo e a lancha. Então ele deveria ter direito de poder pedir ao amigo. Agora o que eu acho uma canalhice, porque eu sou um leitor atento e de todos os jornais, é que, por exemplo, estamos aí numa campanha eleitoral, os donos dos jornais não metem nome de... agora quem tem amigo nas redações, ou parentes, sai todo dia. Então, se é para sair, por que não pode sair o que é amigo do dono, gente?! Há uma reação da...

R. L. – Agora, eu queria...

A. D. – Então... Naquela época, o editorial d'*O Globo* era operado no telefonema. O Antonio Carlos Osório operava os editoriais d'*O Globo* e uma parte no *Jornal do Brasil* com um dos seus maiores amigos, amigo diário, que era o Otto Lara Rezende. Então, você veja o que é que era a influência. Hoje, o nosso querido Olavo vai querer fazer editorial aonde? Na revista da Associação Comercial. Mais nada. E do nosso *Jornal do Commercio*, que dá cobertura porque é um jornal fundador da casa, é um jornal cujo, agora, elegemos o Dinepe benemérito. É o único jornal. Porque os outros jornais econômicos, *A Gazeta* e a *Valor*, não pautam, não vão ouvir. E se não vão ouvir, no meu entender, é porque para falar – *temos plena confiança que o governo saberá desempenhar o seu papel de salvar a economia nacional* – esta declaração bonita só vale na boca do rei Leopoldo da Bélgica, durante a guerra, porque é o rei. Porque são coisas inócuas. Essas pessoas não entendem que é... é como o sujeito que chega e diz assim: olha, eu estou doido para sair na primeira página de um jornal. Como é que

eu faço? Eu disse: olha, você não tem o tipo lombrosiano de um assassino para entrar num cinema e matar oito pessoas, mas eu acho o seguinte: você podia fazer um protesto, um protesto para chamar a atenção a favor do Gabeira<sup>38</sup>, então, hoje, você salta do carro na Rio Branco com Presidente Vargas e vai pelo meio da rua, correndo, completamente pelada. Então é primeira página. Então hoje, o Olavo, o Artur Sendas, o Marcílio Marques Moreira, o nosso presidente, um intelectual, vai fazer uma palestra, por exemplo... agora, reunião de quarta-feira que vem, é ele que vai falar sobre essa conjuntura. Eu até botei na minha agenda e vou, porque é uma aula. Mas ninguém vai. E outra coisa que eu digo: eu não convido pessoas para ir lá. Porque... Eu fiz uma proposta para o vice-presidente, meu colega, que é um homem da área acadêmica universitária, tinha que vir aqui... Por exemplo, essa palestra do Marcílio, que vamos estar lá os quinze velhinhos e um entrante na velhice como eu, para ouvir o Marcílio; mas não é vexame nenhum. Mas digamos que tivéssemos convidado o Carlos Ivan, presidente da Fundação Getúlio Vargas, vai falar sobre o Brasil. O Carlos Ivan, que é nosso associado e tal, ia sair, ia dizer assim: mas que perda de tempo; eu fui, só tem quinze pessoas. Ninguém vai. Então, essas coisas têm que ser armadas. Então, o que é que a Associação tinha que fazer? É uma proposta que fiz e tal, e nunca andou. Vinha aqui, na Fundação Getúlio Vargas, fazer um convênio, ir na Cândido Mendes e na Gama Filho, que têm faculdades ali no centro, ir na Estácio, e hoje viria para cá um e-mail: *o embaixador Marcílio Marques Moreira, ex-embaixador do Brasil em Washington, ex-ministro da Fazenda, vai falar sobre essa crise mundial. Dentro do acordo que temos com esta universidade, o aluno de administração e de economia, de ciências políticas e não sei das quantas vai lá e receberá o carimbo da presença.* Vocês não acham isso viável? Ou estou sonhando?

R. L. – É. Eu acho que é.

A. D. – Hein? E o negócio é de graça. Quer dizer... Agora convidar as pessoas para ir... Outro dia, o dom Eusébio dizia para mim assim: “Deus te mandou aqui.” Eu estou entrando lá para fazer o meu programa diário, e estou descendo para esperar o Eduardo Paz<sup>39</sup>. Chego no auditório de seiscentas pessoas, tinham vinte. Eu disse: vem cá, e os seminaristas e os párocos? Mandou, alugou-se um ônibus para ir a Cascadura. E o Eduardo Paz vai falar para quem? Aqui,

---

<sup>38</sup> Fernando Gabeira – É um jornalista, escritor e político brasileiro.

<sup>39</sup> Eduardo Paes – É um Bacharel em direito e político brasileiro.

para o pessoal da associação cultural. Aí eu subi, entrei pela sala do dom Eusébio adentro, disse: “Dom Eusébio, pelo amor de Deus! O senhor precisa ver o que é que está acontecendo lá embaixo.” “Ah, não posso ir. Eu estou aqui acompanhando...” Ele está louco apoiando o Eduardo Paz, mas não... “Mas o que aconteceu?” “O que aconteceu, é uma vergonha, o Eduardo Paz vai achar... Ele vai entrar para a Igreja Universal logo depois da eleição”, [risos] porque... “Não diga isto, meu filho.” Eu digo: “Claro. Porque tem vinte pessoas numa sala de seiscentas.” “Então, como é que nós vamos fazer? Quanto tempo falta?” “Quinze minutos.” “Ah. Então não dá tempo nem de vir uns seminaristas.” “Não, não dá. [ri] Vêm do Rio Comprido. Só tem uma maneira. O senhor sai, que o senhor não pode ficar aqui, e vamos fazer a reunião aqui, nessa sua sala de reunião, ao lado da sua sala.” “Aí vai ficar meia. A minha sala dá quarenta, lá só tem vinte, vai ficar meia sala.” “É melhor do que ter cinco por cento da sala.” E aí subi. Essas coisas, para você fazer, você tem que saber mobilizar. Coisa que a esquerda sabe fazer muito bem. Quer dizer, faz aquela manifestação e tal, tem aquelas quarentas pessoas que vão, são os mesmo, mas vão aos lugares. Na Associação, às reuniões, não vai ninguém. Segundo lugar. Os almoços mensais, que vêm os ministros, os governadores e tal, o cara não sabe fazer. Eu quando fui chefe do gabinete do César Cals<sup>40</sup>, eu fiz o almoço do César Cals, teve que ser no andar de baixo, e não no quatorze, teve que ser no treze, teve que ser no mezanino, por quê? Liguei para o João Pedro Gouvêa Vieira e disse: João Pedro. Vai ter o almoço do ministro. Eu preciso de vinte lugares, uma mesa de vinte lugares, em nome do sindicato. Mas não é você pagar – que é o que aconteceu outro dia, uma coisa lamentável – você pagar e não ir. Um, você tem que ir.” “Não. Eu vou.” “Mas os outros dezenove então você dá para empregados seus, mas que venham de terno.” Porque o que não pode – e nisso o Olavo é um pouco ingênuo... A filha dele tem aquele movimento maravilhoso, a Fundação [inaudível] César Maia, que é o máximo... A Maria é um show. Eu adoro a loja dela lá em Itaipava. Só dou presente de casamento de lá. Enfim... Adoro. Como é que se faz uma festa, um jantar, no último andar, veio os chefes... Os chefes ficaram pê da vida. O Fernando, do Bica do Sapato, de Portugal, veio aqui para um jantar... Claro, ganhou uma viagem, veio. Foi bom. Não tinha ninguém. Estava absolutamente deserto. Segundo lugar. Você veja que a mesa do Bradesco, comprou, mas não tinha uma pessoa. Humberto Mota também, da Duty Free. Então ficou a família do Olavo, (gostei de ver a Betsy, que eu não via há anos) tinha o Antonio

---

<sup>40</sup> César Cals – Foi um político brasileiro.



Avilez, que ficou porque queria falar com o Olavo um outro assunto, senão ia fugir, e eu fiquei ali com o Antonio, o Antonio... [risos] Fui eu e Daniel, que somos escudeiros do Olavo, defendemos ele, vamos por ele, ficamos por ele. Não tinha os diretores da casa! E não tinha a armação. Porque... Há certas coisas que as pessoas não sacam. Nós fomos a um jantar, segunda-feira, lindíssimo. Está hoje aí nos jornais. Para o Henri Giscard D'Estaing, no Copa.

R. L. – É. Saiu, hoje, na coluna da Hildegard.

A. D. – Uma beleza de jantar. E a entrada, um mil-folhas de salmão, feito pelo chefe não sei das quantas... Você vai me perguntar: conhece o Henri de onde? – Não conheço. – Ah! Conhece o presidente da [inaudível]. – Não, não conheço. – Ah, você foi de penetra.? – Não, não fui. Agora o que é que aconteceu? Tem alguém, que eu não sei quem é, alguém, que fez uma lista em que, além do *trade* que vai, mas para dar uma conversa com o homem e tal, convidou-se meia dúzia de pessoas que... Fazer um grupo. Então, chegamos lá, tinha uma mesa, que alguém bolou porque sabia que éramos todos amigos. O Ted Sailer, a Teresa, o Paulinho, Mirna Bandeira de Melo, o Afonso, a Beth Pinto Guimarães. Alguém bolou esta mesa. Eu, minha mulher, e ficamos numa mesa de amigos; um jantar ótimo, comemos e bebemos de graça. Teria custado umas oitocentas pratas se tivéssemos ido ao [inaudível] para comer a mesma coisa e beber a mesma coisa. [ri] Ali, ouvimos o discurso do homem e tal. Tem que saber fazer. Tem que ter alguém que arrume isso: a casa vazia. Eu, em janeiro, estava lá em Portugal, e amigo do Antonio Espírito Santo, convengo o Antonio de dar o prêmio para o Olavo, do empresário do ano. E ainda inventei um de – *o pioneiro* – para o Mário Vinhas, que era um velho amigo meu, que foi receber; o homem que trouxe a Skol para o Brasil. Você acredita que só fui eu, Humberto e o Daniel? Humberto, porque era obrigação, presidente do conselho, tem que ir. Eu e Humberto, que fomos pagando do nosso dinheirinho. [ri] E eu falando com o Olavo. Porque eu, em janeiro, avisei ele. *Olha, vai ter... eu estou aqui...* Quando ele foi operado de qualquer coisa. Ele tinha feito uma operação. Falei com ele, ele estava operado. Eu, ligando de Portugal, avisando essa coisa. Disse: não, avisa ao cara já. Porque ele é o rei da cocada preta, então eu boto logo a digital. Então... [ri] Não foi ninguém. Tinha que ter organizado; e ir pessoas daqui, pessoas de expressão. Foi a irmã dele, a Ana Maria, que estava já em Paris, foi para lá. E aí fica um negócio... Todas essas coisas você tem que montar. Se não montou... Eu fui ajudar um amigo meu numa eleição. Nunca vi coisa igual. Você vê o que é incompetência. O cara, que já tinha sido até deputado e tal, e não tinha mais nenhuma



chance, disse: “Você, para poder sair na mídia e tal, você vai ser o mediador.” E como os dois Robertos são amigos – Campos e o Saturnino... Você sabe que esse negócio de pensar que veto ideológico... Só a gente que não conhece a história pensa que veto ideológico é coisa dos militares. Que o que. No governo do Juscelino tinha o Dops<sup>41</sup>, tinha atestado ideológico, que nunca foi revogado. Foi revogado depois, pelo Sarney. Então, o Saturnino passou no concurso do BNDE<sup>42</sup> e não foi nomeado. Ele, o Glaycon... o Paiva... Glaycon de Paiva não. Evandro de Paiva Leite... Evandro não. O Paiva Leite, (*Cleanto?*) que era esse grande economista de esquerda, e o Juvenal Osório. Os três foram vetados. E o Roberto quis saber e tal. Aí tinha, a lei dizia que se o presidente assumisse a responsabilidade... Ele chamou e disse: “Diz aqui que vocês fazem militância política. Se vocês se comprometerem a não fazer aqui, eu me responsabilizo por vocês. Dentro do trabalho, não. Vocês fazem onde bem entenderem. Mas vocês são os três primeiros colocados, e eu quero nomear os três primeiros.” Daí essa relação que o Roberto e o Saturnino – os dois Robertos sempre tiveram. E então, convencer o Roberto. E o Roberto: “Mas eu vou ajudar o seu amigo da esquerda?” Aquele Jorge Moura. Que é um bom sujeito. E aí anunciou-se. Ele botou, na Barra, outdoors, e aí foi a imprensa, imagina! – estava *O Globo*, *O Dia*. O Jorge Moura não conseguiu reunir vinte pessoas. Resultado: não houve o debate. Ficamos conversando na calçada, fomos embora jantar. Você vê, até numa campanha eleitoral, um sujeito que teve uma chance... não digo até que ele fosse eleito com aquilo, mas não teria tido os mil e duzentos votos que ele teve. [ri] Saiu nos jornais e tal. É o pessoal não saber fazer. A casa com o Rui Gomes de Almeida fazia. O Rui Barreto... Depois, entre a morte do Rui, foi uma solução doméstica, de um homem boníssimo mas o mais medíocre possível, coitado: o dr. Pedro Leão Veloso Wahmann<sup>43</sup>. Uma pessoa assim... Tinha apenas uma certa representatividade empresarial pela via nupcial, que era casado com uma Fernandes, do grupo que tinha a Vemac, o Banco Novo Mundo e tal. Depois veio o Raul de Góis<sup>44</sup>. O Raul de Góis era um deputado federal pela Paraíba, figura bem articulada, que foi um presidente que se escorou muito nas outras entidades, então nós sobrevivíamos já não mais como chefe de [inaudível]... Porque as outras não tinham nem sede. A Firjan, era um prédio

---

<sup>41</sup> Dops – Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>42</sup> BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

<sup>43</sup> Pedro Leão Veloso Wahmann – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1975-1978.

<sup>44</sup> Raul de Góis – Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro entre 1975-1978.

ali na Calógeras, não tinha um refeitório para vinte pessoas. Naquela época, nós tínhamos a sede, o palácio do comércio, nós tínhamos a independência dos outros, com o negócio das verbas, então nós fazíamos essa coisa. Chamou-se o Delfim Netto<sup>45</sup>... O Delfim também foi íntimo do... E uma coisa que eu me lembrei do Rui, muito importante. É que o Rui... De onde é que vinha a... a expressão política, era a presença dele na mídia. E era íntimo do Roberto Marinho, se dava com o Maneco, se dava com o *Correio da Manhã*, Niomar era muito amiga dele. Mas aonde ele tinha o prestígio com o empresário, o mercado de capitais e tal? Existia um jornaleco, um boletim, chamado *Boletim Cambial* (BC). Hoje, se você juntar *A Gazeta* e o *Valor*, juntos, não têm o prestígio que tinha o *Boletim Cambial*, com uma tiragem, certamente, muito menor. Mas porque o *Boletim Cambial* era do João Alberto Leite Barbosa, que era grande amigo do Rui, grande amigo do Delfim, do José Luís Moreira de Souza, irmão do Marcelo Barbosa, da Corretora, e tinha um editorial afirmativo. Eu fui vinte e oito anos do *Jornal do Comércio*. E depois, saí, fui para o JB, fiquei seis meses diretor, lá em Brasília, e... Não que tenha me arrependido. Hoje, até escrevo lá, no de Brasília, porque aqui no Rio... [ri] Agora a *Gazeta Mercantil*, eu queria fazer, pelo menos que fosse na edição de lá. Mas aí, o Nelson achou formidável – é isto mesmo, vamos fazer –, e o assunto esfriou. Esfriou porque a redação foi contra. Era aquele spacinho – deste tamanho aqui – do dono do jornal, que não seria feito na redação, não passava na redação, não tinha nada a ver com a redação. Era desse tamanho, na primeira página, em negrito, uma pancada por dia. *Você está sabendo que no porto de Paranaguá tem oito guindastes que estão parados, porque o administrador é irmão do senhor Requião e é um incompetente, chega às duas da tarde?* E isto que era o papel. A *Gazeta Mercantil* ia virar um jornal poderosíssimo. *A Receita Federal, que não libera em Viracopos; a indústria farmacêutica perde a qualidade, tem não sei o que por produtos químicos*. Problemas pontuais do empresariado. Não vingou. O *Boletim Cambial* não, fazia, fazia política, fazia e atacava e era duro. Então, o *Boletim Cambial* tinha uma força e uma expressão muito grande. Passados os doze anos do dr. Raul, deputado, muito afável, do PSD... E a representação empresarial dele, ele era ligado ao grupo das Casas Pernambucanas, dos Lundgrin. Aí é chamado de volta o Rui Barreto, que tinha sido o vice. O Rui Gomes de Almeida criou duas grandes figuras na casa, o Antonio Carlos e o Rui Barreto. E o Raul de Góis, que foi quem ficou lá esse tempo, que, pelo menos, era deputado, ligado a Casa

---

<sup>45</sup> Delfim Netto – Economista, professor universitário e político brasileiro.

Pernambucana, que era uma coisa importante na altura. Aí chama o Rui. Aí o Rui é – primeiro, um idealista, é um estudioso. O Rui Barreto perdeu ali. Era um homem milionário, que tinha a primeira fábrica de café solúvel no Brasil, o café solúvel Brasília, dono do... comprou as indústrias de um grande empresário da Federação das Indústrias – e era um homem firmíssimo na revolução, maior aliado do Rui – chamado Jorge Behring de Matos. Dr. Jorge Behring de Matos era dono do café Globo e do chocolate Behring. E o Rui Barreto, hoje, é o dono dessas marcas. Mas o Rui acabou... Hoje, a fábrica dele não existe. Quer dizer, ele está trabalhando, vai de carro até lá, todo mês, fica uma semana lá, vai daqui a Varginha, porque é o seguinte. Um exportador qualquer exporta o solúvel e aí aluga a fábrica; ele toca uma campanha, aí os ex-empregados vêm, e ganham como diaristas do outro. Ele aluga as instalações. Então Rui, saindo dessa dificuldade toda, mas ele se destacou porque ele criou a Ação Empresarial. A Ação Empresarial foi um primeiro movimento estruturado para prestar aquilo que era a assessoria, digamos assim, ao empresariado na apresentação de projetos ao governo e pressionar o governo.

R. L. – E, efetivamente, quanto tempo ela durou?

A. D. – Ela durou uns três ou quatro anos. Teve a sua repercussão, mas não... a atividade política, na ocasião, era muito fraca, o Congresso decidia muito pouco. Mas agitava os assuntos, pelo menos. Os assuntos, que eu digo, do interesse empresarial. Porque existem projetos magníficos, que eu acho que as pessoas devem participar e a Associação Comercial – recuperação do centro do Rio ou isso, aquilo -, mas o pontual, para o empregador, para o empreendedor, é juros, impostos, fiscalização, regulamentação, horários; estas coisas que lidam com... é a legislação trabalhista... É um absurdo. Eu fui juiz do Trabalho durante três anos, aqui, na 1ª. Região, da 2ª. Instância, fui juiz classista, e vendo absurdos. Por várias vezes fui advertido, quase ameaçado de suspensão pelos meus companheiros, porque eu espinava tanto o tribunal – e ali, os advogados todos assistindo... O sujeito ia... como é que é o nome? Sessão de... Tem um nome. Sessão de sigilo. Tem um nome. Aí, saíam até os funcionários, saíam os advogados, fechavam a porta e tal, aí eu levava a esculhambação. Eu levava a esculhambação, eu dizia assim: “O senhor me desculpe. A minha intenção é - os senhores estão lendo ao contrário – é salvá-los do ridículo. Porque eu sou juiz, sou classista mas eu sou jornalista; e eu como repórter, se alguém aqui, um advogado, um empregado, alguém falar com um repórter do jornal Nacional, o jornal Nacional, da Globo, vai dar um grande destaque a isto:

em que nós estamos condenando como se fosse um empresário, que não é, é um trabalhador, o dono do buffet *Le Plat d'Or*, concessionário do Caiçaras, que, tendo que trabalhar ali o dia inteiro, empregou um homem como seu *maître* onze meses, e este homem entrou na Justiça; e ele não foi lá, e houve a revelia, ele foi condenado, também não apareceu; veio a execução, ele não apareceu. E nós estamos agora executando uma coisa que - como eu disse aqui antes e vou repetir, ridículo para nós – nos expõe ao ridículo.” Ele ia cobrar novecentos mil reais de um homem cujo único bem inatingível é um apartamento na rua do Matoso, avaliado em trinta e cinco mil reais. Rua do Matoso, aqui na praça da Bandeira. “E ele cometeu esse erro, essa coisa toda. Agora vamos e convenhamos, o seguinte. Eu tenho aqui o contra-cheque que eu recebi hoje. Eu não recebo como os senhores, que têm... A maioria dos senhores. Mas nós classistas...” Até esse presidente da Fecomercio<sup>46</sup> era meu colega lá, o ... . “Nós recebemos aqui sete mil e novecentos reais. Quer dizer, como é que um camarada que trabalhou onze meses num clube vai receber novecentos, por onze meses? Quer dizer, ele receberá por mês o que nós não recebemos por ano. Então, é ridículo isto.” Quer dizer, a legislação trabalhista, ela tem que ser reformulada. Como houve essa demagogia, típica dos tucanos, que foi acabar com o juiz classista, quando deveria ter acabado era com a Justiça do Trabalho. A Justiça do Trabalho só tem cabimento com o classista lá, para fazer a conciliação e para dar a voz do operário e a voz do funcionário. Porque... Eu tive lá um processo da Souza Cruz, que o cara que era da minha turma era um xiita – bom sujeito, mas um xiita – foi a única vez que ele votou comigo, mudou o voto dele, porque o meu argumento foi em torno do processo. Eu disse: olha, o processo, realmente, deve estar malfeito. Agora, eu estou aqui há vinte e três meses – o mandato era de trinta e seis – a Souza Cruz está há cem anos no Rio de Janeiro, eu estou aqui há vinte e três meses e nunca vi um processo contra a Souza Cruz. Todo mundo elogia o restaurante da Souza Cruz, o posto médico, a assistência médica. O cara foi assaltado cinco vezes; nas cinco vezes não tem uma testemunha, nas cinco vezes não tem... ele comunicou mais adiante porque ficou nervoso. Então, se ele está tendo uma justa causa, e nós temos que acreditar ou na palavra dele ou na da empresa, pelo histórico, eu acho que a gente deve acreditar na empresa, porque é uma empresa que não tem demanda trabalhista, é uma empresa que tem uma relação boa com seus empregados; por que é que vai escolher esse infeliz? E olha os depoimentos, e olha aqui, no anexo, durante os seis anos que o homem trabalhou lá, onze faltas

---

<sup>46</sup> Fecomercio – Federação do Comércio.

num ano, nove no outro. Não é um bom funcionário. Então, por que não se pode dar justa causa? E aí, até o do empregado disse “você tem razão; eu nunca vi um processo aqui, e eu estou aqui há doze anos, nunca vi um processo da Souza Cruz”. Então existe essa coisa do... que é o subjetivo. Não basta ser presidente da Associação Comercial. Nós tivemos o Artur Sendas, que nos emprestou a grande representatividade do empresário. É a Casa Sendas. Era a dona Rachel. Por o Humberto, muito político.

R. L. – Com relação ao Humberto, o senhor, naquele texto, faz menção à posse dele, que foi a mais concorrida.

A. D. – A posse dele. A posse dele foi, quase que eu diria assim, não para colocar em nenhum texto... Eu vou ver esse texto antes de ser publicado.

F. W. – Sim. Claro.

A. D. – Mas eu diria que a posse dele, em termos de prestígio, foi a visita da saúde. [ri] Então, o que aconteceu...

R. L. – Ao que o senhor atribui isso?

A. D. -- Ao Humberto. Humberto é um operador. Botou o presidente da República, que era o Itamar, oito ministros, nove governadores de estado, trinta parlamentares. Porque esta coisa você não... você não improvisa. Então ele montou uma... Foi lá, foi no Itamar, eu fui com ele. “Presidente, qual é o dia que pode ir ao Rio? A minha posse vai ser no seu dia.” O Olavo fez uma posse americana, uma posse show. Um espetáculo, no Teatro Municipal. Grande idéia que alguém deu para ele. Não sei se você foi à posse dele. Foi um negócio muito bacana. Entretanto... *(Toca o celular do entrevistado)* o que é que aconteceu com a posse do... *(O entrevistado atende o celular)* E aí, qual foi o problema da posse do Olavo? Não sei se você foi. O governador estava lá? O prefeito estava lá? Ministro estava lá? Tinha um ministro. Veio representando o outro. Os grandes nomes, os grandes empresários? Agora, por exemplo, eu tenho sugerido, o Olavo tem conseguido, com uma certa dificuldade, aqui entre nós... Como vocês precisam saber de tudo para poderem fazer o livro... O Humberto, que é esse rapaz talentoso, inteligente, meu amigo há vinte e tantos anos, desde que ele veio para o Rio, veio de Minas, modesto, de um valor extraordinário, mas ele não tem esse tipo de motivação; ele é o presidente do conselho e é o cacique da Associação Comercial como podia ser do Vasco da Gama. Ele é uma vocação política, ele sabe...

R. L. – De liderança.

**A. D.** – De liderança, de... Agora não tem nenhuma motivação. Que eu acho que ali tem que ter; ou seja, tem que ter o ideal, tem que acreditar na livre empresa, tem que ter solidariedade com o cara da lojinha, tem que achar que você não pode andar nos shoppings, e está tudo fechando, porque o shopping é cruel com o pobre do comerciante que abre ali; é preciso haver uma negociação; que o presidente da Associação chame o cara do shopping Botafogo e diz: olha, tem uns associados nossos, estão lá, eles estão com dificuldade, mas você vê que a culpa não é deles. Vai ser pior para vocês, vocês com aquilo fechado. Vamos dar uma conciliada nisso. Como se negocia. Lá, em Itaipava, estão diminuindo os aluguéis, que é para o pessoal não fechar a loja. Pronto. Este é o papel da Associação. É ser padrinho, tio do pobre do comerciante, que está ali na sua ótica e que tem esse tipo de problema de relação. Então, ele não tem esse espírito. E também é um negócio ideológico. Não tem esse espírito. O espírito dele, todo presidente da República é bom. E gosta do poder, não é? Foi ser presidente dos Correios de agosto a dezembro. Eu não seria. Eu seria presidente de qualquer coisa... Adoraria ir. Pô, meu sonho aqui. Até, a essa altura da vida, se você quiser tirar esse meu dedinho aqui, que o Lula já não tem, por que é que eu não posso não ter? Para ser presidente dos Correios durante dez anos, cinco anos, eu dou o meu dedo. Acho uma coisa fascinante. Tem cento e oitenta mil empregados, é uma coisa que o Brasil até foi referência internacional. Agora ir por quatro meses, para quê? Só para meu currículo? Não. A vida pública e a vida de entidade de classe, ela tem mais do que isto. A sua realização é em você estar ali, fazendo o que fazia o Rui. O Rui era um estadista, Rui era um político. Só não teve um mandato. Mas ele exercia aquilo desta maneira. O nosso Humberto começou a botar... a fazer o chaguismo na Associação, botar a cupinchada dele. Pessoas, infelizmente, sem nenhuma expressão. E aí eu, brincando com ele, na hora de fazer isso aqui – não dessa daqui, é o conselho superior, que é o nosso lá, dos cartolas [ri] eu dizia: Humberto, você precisa fazer uma coisa. O seu parâmetro para fazer conselho superior um padrão da Associação Comercial do Rio de Janeiro é do seu amigo aqui para cima. Você só está trazendo... Eu tenho que ser o menos importante, porque eu sou o menos importante. Agora você botar gente menos importante do que eu, primeiro, você está me esculhambando. Porque eu gosto de estar aqui e frequentei aqui a vida inteira, participei, dei parte da minha vida, do meu tempo, do meu trabalho – eu editei aquela revista sozinho, durante quatro anos, sozinho, com uma menina estagiária – enfim, e seminários e todas as coisas – agora, não pode botar cupinchas e que não são... E aquela história. Eu não

sou um empresário, mas eu supro por esta função: carreira pública, e a identidade com a causa, como jornalista, a vida inteira defendendo enfim. O Olavo quando chegou, eu comecei a conversar com ele isso, e o Olavo tem conseguido meio a meio, digamos assim. E aí é que eu... Ele queria botar uns amigos que não dava, porque não tinha a história [inaudível]. Você só pode botar com um nome... Há pouco, o Humberto estava insistindo demais com uma pessoa – muito fraca, muito medíocre, aí eu disse: chama o Daniel Klabin. Como é que ele vai dizer que não pode ser o Daniel Klabin, se nós queremos um nome...? O José Luís Alteres, que também foi muito... fui eu que levei, que é meu presidente e meu amigo a vida inteira. Ele foi da Light. Não foi do conselho, mas trabalhamos juntos lá. E que era o nosso candidato à sucessão do Olavo, por isso é que tínhamos que fazer o colégio eleitoral e ser o Alteres. Mas o Alteres, como vai ficar mais tempo na Light, não deve ser.

R. L. – Mas já tem algum outro nome?

A. D. – Eu acho que Humberto quer ser. Humberto inventou esses duzentos anos de... falsos –, que é uma coisa horrorosa... Ontem me ligou o João Sater, da Associação Comercial da Bahia, que é muito meu amigo. “Aristóteles, nós não estamos querendo criar um constrangimento...” – “Ah, mas se você não criar não vai sair nada. Você tem que criar.” “Não faça isso. Eu sou amigo de Humberto.” Eu disse: “Não é mais do que eu. Eu já estou fazendo guerrilha lá, porque... O seu advogado, que vocês contrataram, não é irmão do Franklin Martins?” Ele disse: “É.” “Então eu já estou lá dizendo: ih... O Franklin Martins vai botar a mídia inteira contra.”

R. L. – O que era da ANP<sup>47</sup>?

A. D. – Não sei. Um André, parece. Um advogado. Acontece que a Associação Comercial mais antiga do Brasil é a da Bahia, pomba. Quem está comemorando duzentos anos, pode fazer uma festa é a Ceasa, aqui na avenida Brasil, porque é a Praça do Comércio. A Praça do Comércio o que é que foi? O dom João VI, que foi realmente... mais do que ele só a revolução de 64, na minha opinião, ele criou, entre outras coisas, coisas básicas, geniais.

R. L. – Não. Mesmo porque o Rio...

---

<sup>47</sup> ANP – Agência Nacional do Petróleo.



**A. D.** – A Praça do Comércio, o que é que era a Praça do Comércio? Era a feira, feira livre; era um lugar... só que era a feira livre mais atacadista; então, tinha que ter um lugar para o sujeito que vinha com o seu burrico lá do interior ou que importava, tirava do navio alguma coisa, ele tinha que ter um lugar para fazer os negócios, fazer a compensação, fazer, não sei como é que era o cheque, o que é que era naquela ocasião. Isto é uma coisa. Em 34, (1834) os usuários daquilo ali fundaram a sua associação: Sociedade dos não sei quê da Praça.

**R. L.** – Assinantes.

**A. D.** – Assinantes da Praça. Esta é a associação comercial, que também só veio a ter esse nome em 1867. E outra coisa. Eu me nego... e você vê o que é que é, cá entre nós, o negócio da pusilanimidade. A dona Dora Carvalho, que é uma advogada e uma grande militante da casa, uma mulher muito boa... Fala mais do que eu. [risos] Mas acho que não fala com o meu charme, não tem graça. Então, ela fez um parecer de uma hora. Uma chatice, mas impecável. Impecável. Contra os duzentos anos. Aí vem o Rui e faz uma boa exposição, com transparências e tal. E a casa silenciosa. Porque o Humberto chama um por um, inclusive a mim; mas eu disse a ele que não, que não gosto. Aí eu pedi a palavra e eu falei. Você não assiste, a reunião é secretérrima, ninguém entra e tal. Aí eu fui lá, disse: “Quero, em primeiro lugar, dizer que eu estou encantado com o parecer da dra. Dora e com a exposição do presidente Rui Barreto porque, pelo que havia me sido distribuído anteriormente, eu estava me sentindo membro de uma estatal aqui, e não pode ser assim. Esta não é a casa. Em segundo lugar, eu acho que é uma consideração nossa ao dr. Getúlio Vargas, que era um presidente da República, ditador... aliás, era presidente da República, não era ditador, que veio aqui e fez um discurso aqui, nos cem anos. Quer dizer, o que é que ele estará pensando lá no túmulo? [risos] Nós temos aqui uma placa, na nossa porta, registrando a visita do nosso grande presidente general João Batista Figueiredo nos cento e quarenta e dois anos da casa. Está lá uma placa. Agora, não é mais cento e quarenta e dois, não é mais cem anos em 34. Muda tudo. Como é que é isso? Essa aqui é uma casa conservadora. Não devemos mudar. Nós só podemos evoluir. Então, eu acho que não tem nenhum sentido.” Aí, bom, votação. Votamos os três que nos pronunciamos, tem um cupincha do Rui Barreto, Sérgio qualquer coisa, que vai pouco, mas foi, porque o Rui deve ter pedido... Só. Votamos nós quatro contra. Havia um quinto voto, uma pessoa fraca, que eu vi que ele estava muito inquieto na cadeira e não querendo votar contra mim, saiu, não votou; e houve dois votos de abstenção. Acho que talvez mais. Mas os dois,



muito significativos, de duas pessoas de grande bom senso e responsabilidade: o presidente Olavo e o ex-presidente Marcílio. O Marcílio, eu vou contar a vocês uma história. Eu conheço o Marcílio da vida inteira porque trabalhamos juntos no governo Negrão.

R. L. – É. Ele já era Copeg, não é.

A. D. – Ele era Copeg não, ele era Chisan, justamente... Codesco – Companhia de Desenvolvimento das Comunidades. Eu era Cohab. Eu conhecia ele desde ali. E ele dividia a sala, no mesmo lugar, no Banco Moreira Salles, com o comandante [inaudível] Noronha, que era um queridíssimo amigo meu. Mas o Marcílio, por exemplo, é um homem de uma dignidade, de um caráter... Eu conheci o Marcílio sempre um homem entre a centro-esquerda e o centro. Ele sempre foi mais à esquerda, por ele e por ser também um marido exemplar; então, ele não poderia ficar no centro, que a Maria Luíza não o deixaria. E então o Marcílio, por exemplo, lançou um livro por aqui. Eu tive que catar o livro antes do lançamento. Vou contar a vocês isso aqui para vocês entenderem como é que é a cabeça das pessoas. Eu estava estudando a maneira educada, polida, amiga de eu... justificar interesses particulares ou alguma coisa, e renunciar a minha vice. Porque eu era muito ligado a ele, eu era o vice de comunicação, fazia a revista, víamos aqueles pronunciamentos, aquelas coisas, que foram os melhores da casa; não foram fortes, mas ele era ouvido. Foi quando nós tivemos presença no noticiário econômico. Porque... Não pela Associação, porque não sabiam dele; mas eu fui devorar o livro dele porque, se eu encontrasse, se eu tivesse encontrado no livro dele críticas éticas, morais ao presidente Fernando Collor, eu teria renunciado, eu não seria vice dele. E o livro dele é uma lição de dignidade. É perguntando, é perguntado, certamente, com vontade dele... e ele diz não, a mim, nunca me foi nada pedido, nunca me pediram influência de nada. Ele reitera isso. Vocês podem consultar. Eu acho que a gente baliza as pessoas assim. O sujeito pode ser de esquerda ou de centro, pode ser Fluminense, mas não pode ser sem caráter. Não pode é ter o negócio do mau-caratismo, da pessoa... do não assumido, do não... do justificar o que não é justificável. Então ele nunca se justificou por que era ministro. Ele foi ministro, prestou um imenso serviço ao Brasil. Ele e o Célio Borja<sup>48</sup>. Você vê, o Célio Borja adquiriu uma projeção e uma dimensão tal... Ele, agora, foi eleito por nós grande benemérito. Porque o Célio foi ministro, naquela situação delicada que o Brasil vivia, com a carreira dele e com a vida dele, e

---

<sup>48</sup> Célio Borja – É um político brasileiro. Ocupou cargo de Ministro da Justiça do Brasil (1992).

de tal maneira que, você vê que o Tarso Genro<sup>49</sup>, que é um biógrafo do Lenine, veio aqui, na festa em homenagem ao Célio. Embora há sempre umas falhas nas coisas. Na homenagem, agora, na eleição do grande benemérito, falaram lá os oradores oficiais, eu pedi a palavra para lembrar um fato, que era, no meu entender, para nós da Associação... É aquela história do cada macaco no seu galho. Para nós da Associação Comercial do Rio de Janeiro, que compreende a cidade do Rio de Janeiro, o Célio Borja teve um papel muito importante, não só como constituinte da Guanabara, como deputado federal por várias legislaturas, mas porque ele é autor de uma lei – nós podemos discordar, eu até discordo – mas é uma lei histórica: a Lei Complementar nº 20, que fez a fusão da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro. Você não pode falar em Célio Borja sem falar que... a cobertura jurídica foi essa. E há um assunto que eu não podia deixar de falar aqui. Houve um episódio na história da Associação, que a dividiu muito, extremamente lamentável. Com Rui Gomes de Almeida, isso jamais teria acontecido. O Rui Barreto se afastou, e agora, graças a Deus voltou a conviver; nas nossas reuniões, ele vai, do Conselho Superior. Ele é um grande benemérito, como ex-presidente. Mas o Rui Barreto teve a dignidade de discordar; a tal ponto, e com razão, que rompeu relações com dois ex-presidentes da casa, um dos quais até eu lamento. Eu soube, outro dia, que vai ao ponto dele se negar a sentar numa reunião; senta no plenário, no auditório, mas numa reunião, ele disse que não senta. Eu lamento, porque acho que as pessoas não devem ser assim nunca. Mas foi a questão – injustificável – de termos aberto mão da presidência cumulativa da Associação Comercial do Rio de Janeiro com a Federação das Associações Comerciais do Estado do Rio de Janeiro, a FACERJ, e com a presidência da Confederação das Associações Comerciais do Brasil. Isso é feito pelo Rui Gomes de Almeida, montado por ele, exercido por ele, isto que dava dimensão à casa – nacional – a representatividade nacional da Associação Comercial. E então, essa confederação, vocês nunca ouviram falar, é capaz de metade dos diretores da Associação Comercial do Rio de Janeiro, hoje, desconhecem que existe uma confederação de associações comerciais. Foi uma atitude que contrariou e prejudicou não só a Associação Comercial do Rio de Janeiro, mas a defesa da livre empresa do Brasil e das classes produtoras, sem dúvida alguma. Porque a confederação era um instrumento, um instrumento, hoje, que nós vivemos um momento que eu diria até de pós democracia, porque se antes o Congresso era excessivamente castrado, hoje nós vivemos num regime presidencialista mas com um

---

<sup>49</sup> Tarso Genro – É um advogado e político brasileiro.

Congresso com um espaço institucional muito grande, que ele não exerce porque o governo tem uma maioria folgada, mas há um espaço institucional muito grande, nós, com a confederação, estaríamos lá dentro do Congresso hoje, alertando os deputados para diminuir o número de portarias, de regulamentos, de leis, que podam, que limitam o investimento nacional; nós tínhamos que estar lá, levando esses estudos internacionais que, volta e meia, saem nos jornais, sem um comentário – da Fiesp, da Firjan – que é o fato de que o Brasil é uma economia muito fechada, o fato de que essas agências reguladoras se tornaram foco de corrupção, de manipulação política e ideológica. Há uma omissão no Brasil. Que eu até espero, nesse mês agora, que a senadora Katia Abreu seja eleita presidente da Confederação da Agricultura, porque a Confederação da Agricultura é omissa com a violência no campo, com as agressões aos produtores rurais, com a desorganização da atividade. Quer dizer, o governo precisa ser orientado. O presidente Lula tomou, ontem, uma atitude rápida, competente, como aliás... a cada dia que passo, fico mais encantado com o presidente Lula, em quem eu votei, por considerá-lo aquele mais próximo das idéias conservadoras e de direita, porque fiz política estudantil no tempo do senhor José Serra, sei que ele é um leninista, sei que ele é um stalinista, sei que ele ainda deve guardar numa mesa de cabeceira fotografias de Stalin, [risos] e conheço histórias de perseguições a pessoas que ele fez. Agora, parece que está arrependido, mas não quis ter sequer o vice dos Democratas, do PFL<sup>50</sup>, quando foi candidato. Esse é um homem que... do ranço. E é o homem da ingratidão. Porque ele tem o que tem, patrimonialmente, (que dizem que não é pouco) ganho, inicialmente, no governo do senhor Franco Montoro, que era um homem de bem, honradíssimo. E o filho do Montoro foi candidato a deputado federal duas vezes. Quando o senhor José Serra era candidato a presidente da República, ficou como décimo primeiro suplente; e quando o senhor José Serra foi candidato a governador, ficou em décimo primeiro. Então você imagina, se um de nós devesse a vida a alguém, se não poderia... Como nós sabemos, porque o governador Aécio Neves, na minha frente e mais duas pessoas, na segunda-feira antes da eleição, deu telefonemas, ele chamou-nos como testemunha, para nós sairmos dali e ir contar para o José Aparecido. O filho de José Aparecido estava liquidado, e o Aécio mandou, ligou para prefeito e para deputado, um menino que foi o mais votado de Minas até, foi a uma cidade, ele tinha quinze mil votos, voltou lá, para pedir para votar no José Fernando. Até foi engraçado, porque ele ainda ficou com nove, mas José Fernando conseguiu

---

<sup>50</sup> PFL – Partido da Frente Liberal.

ter seis, lá. O cara falou: olha, não é para votar em mim, nós precisamos eleger o José Fernando. Então, nós sabemos... Porque nada irrita mais... Eu gosto muito de ser prestativo com as pessoas, mas eu sou muito seletivo no a quem pedir, porque eu não quero adquirir inimizade. Porque se eu pedir uma coisa que a pessoa... Eu, semana passada, eu pedi uma coisa na Light, que, se eu não estivesse no conselho, eu não pediria, porque haveria o risco do diretor, um quadradão, não atender, e então, eu ia brigar com ele. Então eu liguei, e disse: agora, se precisar, porque foge à norma, que eu vá aí pessoalmente e efetue o pagamento em dobro do que já foi pago, eu pago de novo e depois a empresa me ressarci, ou assinar algum termo de responsabilidade, eu estou indo para aí. Mas se não reabrir a luz do restaurante da filha do meu amigo, eu vou considerar um ato de desprestígio a mim. A menina, que tem vinte e poucos anos, está lá trabalhando, esqueceu de pagar a conta. É possível de... Ia ser em duas horas, foi em uma hora e quarenta. E a norma é ser no dia seguinte ou, quando é depois das três da tarde, em dois dias. Porque é possível. Claro que não pode fazer isso com todo mundo, mas pode fazer quando tem o pedido de alguém, não é? Estas coisas devem ser... Então eu acho que a Ação Empresarial foi o último grande momento da Associação como instrumento de ação política. Hoje, ela mantém o seu prestígio muito em função do prestígio do presidente. É o caso do Olavo, é o caso do Marcílio, no caso do Artur Sendas, não seria o prestígio dele, mas da empresa dele. Na ocasião, ele detinha, então dava. E uma liderança na ABRAS, a Associação Brasileira de Supermercados e tal. Mas o Artur não é um homem de personalidade. É preciso que o dirigente de Associação Comercial, de Federação do Comércio, dessas entidades, tenha uma voz que o ministro, o presidente da República tema, o prefeito tema. Não pode achar que faz, e fica por isso mesmo. Isto é que o Rui não deixava passar a bola. Sendo um homem político, ele se dava com o Jango, que ele combateu, mas teve até a célebre entrevista com o Jango, que o Golbery nunca perdoou, era muito chegado ao San Thiago Dantas. Quer dizer, esse era o papel. Apesar de o San Thiago ter, lamentavelmente, nos abandonado –, depois daquele brilhante início no integralismo, ele foi para a esquerda –, mas... um direito que assistia a ele – não deixou de ser ouvido e respeitado como a grande cabeça que era. Então a Associação, nesses seus cento e oitenta e tantos anos – vê aí, faz as contas -, que não é duzentos, [ri] viveu o seu grande momento com o governo constitucional do Getúlio, o do Juscelino e no período militar. No período militar, até com este fato do presidente João Figueiredo lá ter comparecido pessoalmente. E o momento político, que foi a posse do Humberto Motta, no primeiro mandato. Espero que a Associação volte a ser um instrumento de defesa da liberdade

de empreender, de facilitar as leis trabalhistas, para que o emprego, no Brasil, não se torne um monopólio de quem já tem um emprego; quando a mocidade está aí querendo entrar, não consegue entrar. Há uma filosofia. O governo foi infeliz ao mandar para o Congresso, e parece que não vai mexer, do Brasil aderir à Instrução 158, da OIT<sup>51</sup>, que é de 1982, é de antes da queda do muro, é de antes da China, é de antes da globalização, e que torna o empregado... Quer dizer, a esquerda tem uma característica. Ela cria leis para facilitar a desunião de famílias, ou seja, de facilitar o divórcio de tudo quanto é maneira, e cria leis para tornar a relação de emprego um casamento indissolúvel, como nem a Igreja Católica imaginou na sua vida. [ri] Então daí, à semelhança da legislação francesa, em que os franceses dizem que é mais fácil você se ver livre do seu cônjuge do que de um empregado. E isso, quem é que paga o pato? É o empregado. Porque há menos emprego, a pessoa... O americano sempre teve uma alta taxa de emprego pela facilidade que ele tem. A empresa está indo bem, bota cem para dentro. A situação está ruim, tira oitenta. Mas é da lei do mercado. Aí, tem um outro setor que está melhor... A dinâmica da economia é essa. E a Associação deu o seu apoio, quando o Getúlio criou as confederações e o sistema S, a coisa mais importante que foi feita no Brasil até o governo Lula, que foi o sistema S, no que toca a treinamento do operário brasileiro.

R. L. – Capacitação.

A. D. – Hoje, com os CEFET<sup>52</sup> e outras escolas, que foi o grande acerto do governo Lula... Que é uma coisa que eu não entendo também, que o empresário não louve mais isso, não prestigia mais isso, porque ele é que é o próprio beneficiário disto, e os próprios trabalhadores. É muito melhor, socialmente e em termos de dignidade, a construção dos CEFET e de outras escolas técnicas do que o do Bolsa Família. O Bolsa Família é uma coisa quase humilhante, é uma mesada, é um cala-boca. Deveria ser feita durante algum tempo, e, durante aquele tempo, aqueles filhos daquela família terem escola, terem treinamento. Esta é que seria... E acho que a Associação Comercial teve essa visão, do João Dault, de apoiar entusiasticamente essa idéia do governo do Getúlio Vargas. Que foi uma coisa – pelo vínculo compulsório da contribuição, uma coisa mais ou menos dentro do que estava em moda naquela

---

<sup>51</sup> OIT – Organização Internacional do Trabalho.

<sup>52</sup> CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica.

época, num mundo em que dava certo, que era o corporativismo. E deu certo na Itália até o início da guerra, que deu certo em Portugal e que deu certo na Espanha.

R. L. – Agora, eu gostaria de fazer uma pergunta para o senhor. O senhor tinha falado da fusão...

A. D. – Eu estou tão direitista que ela já virou, já está chamando de senhor. Está com medo de mim. [risos] Eu não sou o Olavo de Carvalho. [ri]

R. L. – Não. [ri] Tudo bem. Você tem uma atuação, na Associação, de quarenta anos, um pouco mais, um pouco menos...

A. D. – Não. Quarenta e... Justo. Faço agora em dezembro.

R. L. – Mas já tinha um contato inicial.

A. D. – Sim.

R. L. – Nesse período, o Rio de Janeiro era a capital, o Distrito Federal, depois passou...

A. D. – Não. Era já Guanabara. Quando eu entrei, já era Guanabara.

R. L. – Já Guanabara. Tudo bem. Mas a capital federal ainda era ontem. Depois... É que eu já contei com o período inicial de atuação dele. Depois, teve o estado da Guanabara e depois veio a fusão. Quer dizer, a gente sente, quer dizer, nós que vivemos, que houve uma perda de prestígio. Agora como se deu a atuação na...

A. D. – De uma maneira muito simples. Um estado, como dizem aí os candidatos a prefeito, dizem que o prefeito é o síndico de um prédio, o governador é o síndico de um quarteirão, que é um conjunto de prédios. O estado da Guanabara era do mesmo tamanho econômico que Minas Gerais. Veja você. Não. Do que o Rio Grande do Sul. Era São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul. Porque deixou de ser capital da República mas foi compensado com dois governos fantásticos, de dois adversários políticos, o Carlos Lacerda, que foi um governador que enfrentou o governo federal, mas trouxe a educação para um bom patamar e um patamar razoável, possível, porque o do Brizola era muito melhor que o dele, mas inexequível, então...

R. L. – Sim. Mas...

**A. D.** – O Rio de Janeiro teve progresso com o Lacerda e com o Negrão de Lima. Aí, ainda como estado da Guanabara, teve um governo do atraso, da omissão, que foi o governo Chagas Freitas<sup>53</sup>. Pouca gente observa que a sorte do Chagas Freitas, que você encontra placas do governo Chagas Freitas e obras, é que houve uma coincidência: ele, como um bom puxa-saco, pegou um bom engenheiro do estado, um homem de bem, da melhor qualidade, que merece ser ouvido pelo CPDOC, que é o engenheiro Emílio Ibrahim da Silva. Foi jogador de futebol do Fluminense, depois trabalhou no escritório do Midlin, no projeto do Maracanã, e foi o secretário de Obras, cujo irmão era o secretário particular e homem de grande influência e intimidade do ministro Mário Andreazza<sup>54</sup>. Então, o Rio de Janeiro teve obras federais porque o Emilio Ibrahim era trabalhador e era correto. O senhor Chagas Freitas, a bem da verdade, era um irresponsável, mas não foi homem de ter tirado proveito pessoal para ele, nem para os seus. A partir daí, só tivemos o governo da fusão, do almirante Faria Lima, que foi um belo governo. Trouxe uma grande equipe. Veio de Minas, estruturou o estado muitíssimo bem. Depois, voltou o Chagas governador do Rio de Janeiro, que foi muito ruim, veio o Brizola, que foi muito ruim, veio o Moreira Franco, que foi muito ruim, veio o Brizola de novo, que foi muito ruim, veio o Marcelo Alencar, que foi médio; e depois, esses Garotinhos, um horror. Hoje, o Rio de Janeiro vive o momento da esperança, porque o governador, ele tem essas atenções - com o pensamento empresarial, com a área social - e ele entende que governo é integração, é parceria. E não sei se vocês observaram uma coisa interessante e curiosa que está sendo feita pelo governador Sérgio Cabral, onde a Associação podia até participar mais. Ele está ajudando o Rio a ter o hospital cardíaco infantil, a obra da dra. Regina Célia, não com os recursos do governo, mas ele, pessoalmente. Eu fui a um jantar, em que ele arrecadou dezoito milhões, lá no Palácio Laranjeiras. E agora, ele fez um outro, parece que arrecadou trinta. Esse é um papel de governador, de associação comercial.

**R. L.** – Mas o que eu, realmente, queria saber é o papel da Associação Comercial nessa transição para o Rio.

---

<sup>53</sup> Chagas Freitas – Foi um jornalista e político brasileiro. Governador da Guanabara (1971-1975) e governador do Estado do Rio de Janeiro (1979-1983).

<sup>54</sup> Mario Andreazza – Foi um militar e político brasileiro. Ministro dos Transportes do Brasil (1967-1974) e Ministro do Interior do Brasil (1979-1985).

**A. D.** – Do Rio? Ela procurou... Houve um momento em que, na presidência do Rui Barreto, inclusive, era o momento, o chamado esvaziamento do Rio. Então deve-se muito, por exemplo, o Rui Barreto, na gestão dele, conseguiu conscientizar a revolução de que deveria respeitar a manutenção no Rio de determinados órgãos. Graças a Deus isso ficou até hoje. Que foi o BNDES, a Petrobras, o... Nós só perdemos a carteira de câmbio do Banco do Brasil para São Paulo... do Banco Central – para São Paulo. O resto ficou no Rio de Janeiro, nesse trabalho extraordinário. Agora, o governador Sérgio Cabral tomou uma atitude, que teve o aplauso da Associação Comercial, muito interessante. Para fixar a Eletrobras no Rio de Janeiro, o estado está dando um terreno para a Eletrobras construir uma sede. Quer dizer, este é um trabalho. Agora o Rio se apequenou. Primeiro, pelo grande inchaço que verificou-se... Quando o prefeito Saturnino Braga assumiu a prefeitura, a Prefeitura tinha sessenta e cinco mil funcionários; quando ele deixou, tinha cento e dez. Ele teve aquele vice-prefeito, o Jô Rezende, que todo mundo sabe o que é que fez. Líder comunitário... ficou trilionário. Porque Saturnino é um homem rigorosamente de bem, mas... é aquela história, o Franco Montoro também era, e o Serra fez a campanha mais milionária que São Paulo já viu, para deputado federal, em 86. Então, houve esse esvaziamento do Rio de Janeiro, em não ter se lutado pelas vocações do Rio. A própria bancada do Rio nunca teve. E era uma coisa que... Você tem poucos deputados. Um deputado, que a elite do Rio de Janeiro associa à Baixada Fluminense e até ao jogo do bicho, porque ele é da Baixada e é primo de um bicheiro, mas que eu, nos meus quarenta anos de militância de jornalista, de morador do Rio, de diretor da Light, diretor da Associação Comercial, de tudo isto, o deputado, digamos, com a nota a favor do Rio, o deputado Simão Sessin. É uma figura séria, responsável, dedicado. Nunca votei nele, votava no Roberto Campos e no Álvaro Valle, e voltei uma vez no Amaral Neto, para, numa época mais ideológica, dar uma força a ele. Mas o fato é que nós não... O Roberto Campos tentou fazer um mercado *offshore* no Rio. E mostrou que o mercado financeiro de Montevideú, por causa do *offshore*, é maior que o brasileiro. Por que ser em Montevideú, se o Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro? Então... Não houve o Rio Dólar, cujo projeto originário é do Teófilo Azeredo Santos, membro da Associação a vida inteira. Essas vocações do Rio, o turismo, que estava muito vinculado a segurança, também foi por água abaixo. Nunca houve da prefeitura... Basta saber que esse grupo Othon, de hotéis, parece que vive numa situação semifalimentar, em



função de dívida de IPTU<sup>55</sup>. Não deveria pagar IPTU o hotel. Está ali gerando emprego, está ali trazendo divisas, está ali movimentando o comércio. O comércio do Rio vivia, até estes anos 60, do brasileiro nordestino, por exemplo, e o mineiro. E você tinha a avenida Atlântica e a Vieira Souto, que, até hoje, tem muito apartamento - você olha ali, está muito vazio, mas eu queria dizer que, quando o Francelino foi escolhido pelo Geisel para o governo de Minas, um irônico crítico disse assim: “Mas meu Deus! Além de piauiense, vai ser o primeiro que não tem apartamento na avenida Atlântica.” [risos] Porque o dr. Tancredo Neves morou a vida inteira na avenida Atlântica, o Juscelino Kubitschek morou primeiro na rua Sá Ferreira, esquina de Copacabana, depois foi para a Vieira Souto, e depois foi para a avenida Atlântica, para o Golden Gate. O Hélio Garcia tinha um apartamento no edifício Embaixador, na avenida Atlântica. Ao se separar da mulher, deixou-o para ela, comprou um na Vieira Souto. O governador Rondon Pacheco, que nos ilustre na Associação Comercial do Rio de Janeiro, e não como político, não como chefe da Casa Civil do presidente Costa e Silva, não com um grande..., mas como o homem que teve a coragem de criar os incentivos fiscais e botar o estado sócio – que já não é mais –, na criação da Fiat. Ele foi homenageado por nós e frequenta as nossas reuniões, aos noventa anos, lúcido, porque ele teve essa fórmula: deu o incentivo fiscal, botou dinheiro do estado num cronograma em que os italianos, sempre que tivessem lucro, esse lucro era para comprar as ações do estado. O estado não tinha nada que ter uma fábrica de automóvel. Mas Minas deu o seu primeiro grande salto com a Fiat. Antes, era só o ferro gusa. Então essa... E há essa outra característica da casa, que é positiva. Lá, sempre estiveram grandes nomes. O Leopoldo Bulhões, o senador, os barões todos do Império, e hoje mesmo, nós temos ex-ministros de Estado lá. O general Rubens Bayma Denis, que foi ministro dos Transportes de Itamar Franco e ministro-chefe da Casa Militar do presidente José Sarney. O brigadeiro Granda, que foi ministro da Aeronáutica no governo Fernando Henrique Cardoso. O ministro Haroldo Correia de Matos, já falecido, foi nosso benemérito, ministro das Comunicações. E tantos e tantos outros, que foram ministros notáveis da vida do país e com assento na Associação. Então acho que resumindo o que eu poderia dizer... O que mais você acha que...?

R. L. – Não. Eu gostaria de agradecer. Não sei se Fernando tem mais alguma...

F. W. – Não. Acho que...

---

<sup>55</sup> IPTU – Imposto Predial e Territorial Urbano.

R. L. – Mas eu gostaria de agradecer o depoimento do senhor...

A. D. – Não. Olha esse senhor!

R. L. – Desculpa. O seu depoimento.

A. D. – O que queria era que este depoimento não deixasse de enfatizar que os anos dourados, a grande época da Associação como intérprete da defesa dos interesses das classes produtoras do Brasil foi na gestão Rui Gomes de Almeida, Antonio Carlos do Amaral Osório e Rui Barreto. Sem demérito para os demais presidentes, que cumpriram com muito idealismo as suas missões. Mas, como presidentes líderes, foram esses três, que marcaram esses meus quarenta anos de militância na casa de Mauá.

R. L. – Eu acho que, como fechamento, está perfeito. Muito obrigada.

**[FIM DO DEPOIMENTO]**